



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

BRUNO ARAÚJO DE SOUZA

MEMÓRIA E ARQUIVO: OS VESTÍGIOS REUNIDOS DE SAMUEL RAWET PUBLICADOS NO
CORREIO DA MANHÃ

BRASÍLIA
2019

BRUNO ARAÚJO DE SOUZA

MEMÓRIA E ARQUIVO: OS VESTÍGIOS REUNIDOS DE SAMUEL RAWET PUBLICADOS NO
CORREIO DA MANHÃ

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito final para obtenção de título de graduado em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Edom Pires

BRASÍLIA

2019

AGRADECIMENTOS

À minha tia e irmã pela certeza de chamar de família.

À Raylane pela amizade instantânea, união de almas imediata, e por me resgatar da selvageria do primeiro semestre.

Às minhas *Lispectors*, Luana *Maria* e Anne *Raphaela Tedesco*, pelas risadas, pelas novelas e, sobretudo, pela amizade.

À Stéfany, amiga eterna, pelo arsenal de histórias, pelo espírito ariano e pela aventura que é viver contigo.

À Mazé pelos cafezinhos que me salvaram de muitas noites mal dormidas e pela tua sábia luz que emana sempre. A UnB jamais seria e jamais será a mesma sem você.

À Maria Isabel Edom Pires pela paciência, pela orientação, pela inspiração, pelos encontros, pelas memórias.

Ao Esdras pelo amor inesperado, imensurável, infinito.

RESUMO

Esta pesquisa visou elaborar um catálogo de textos de autoria do escritor Samuel Rawet e de textos onde o autor é mencionado, todos publicados no *Correio da Manhã* entre as décadas de 1940 a 1970. Com o auxílio da crítica literária genética e da literatura comparada, foi possível reunir artigos jornalísticos e literários de ou sobre o autor, ainda dispersos, com a finalidade de compor parte do acervo do escritor. A coletânea aqui reunida será útil para a realização de leituras, apreciação e estudos acerca do autor. Inicialmente, foram coletadas em todas as plataformas, digitais e físicas, os textos, catalogando-os por gênero literário - contos, crônicas e críticas - ou jornalístico - artigos de críticos sobre a sua obra publicada e anúncios - e, em seguida, transcritos, adequando-os ao Novo Acordo Ortográfico.

Palavras-chave: 1. Samuel Rawet. 2. *Correio da Manhã*. 3. Acervo. 4. Catálogo. 5. Jornalístico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. SAMUEL RAWET NO CORREIO DA MANHÃ	9
2.1. CATÁLOGO DE OCORRÊNCIAS	9
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
5. ANEXOS.....	19
5.1. TRANSCRIÇÕES DOS TEXTOS ESCRITOS POR SAMUEL RAWET PUBLICADOS NO CORREIO DA MANHÃ.....	19
5.1.1. O BALANÇO, POR SAMUEL RAWET.....	19
5.1.2. HECUBA, POR SAMUEL RAWET.....	23
5.1.3. PARÁBOLA DO FILHO E DA FÁBULA, POR SAMUEL RAWET	26
5.1.4. NATAL SEM CRISTO, POR SAMUEL RAWET.....	28
5.1.5. ESTÃO MESMO VERDES AS UVAS (BÉNI SOIT QUI MAL Y PENSE), POR SAMUEL RAWET	34
5.1.6. ESPERANDO GODOT, POR SAMUEL RAWET	36
5.1.7. A MARGEM D’ “A MANDRÁGORA”, POR SAMUEL RAWET.....	39
5.1.8. ANTONIONI – LUZ E SILÊNCIO, POR SAMUEL RAWET	41
5.1.9. WU, POR SAMUEL RAWET	43
5.1.10. AS AFIRMIDADES DELETÉRIAS, POR SAMUEL RAWET	46
5.1.11. UMA PENÍNSULA A LESTE DO PAÍS DOS RUJUKS, POR SAMUEL RAWET	48
5.1.12. GRRR!!!, POR SAMUEL RAWET	50
5.2. IMAGENS DOS TEXTOS ESCRITOS POR SAMUEL RAWET RETIRADAS DIRETAMENTE DAS PUBLICAÇÕES FEITAS NO CORREIO DA MANHÃ	54
5.2.1. O BALANÇO, POR SAMUEL RAWET.....	54
5.2.2. HECUBA, POR SAMUEL RAWET.....	55
5.2.3. PARÁBOLA DO FILHO E DA FÁBULA, POR SAMUEL RAWET	56
5.2.4. NATAL SEM CRISTO, POR SAMUEL RAWET.....	57
5.2.5. ESTÃO MESMO VERDES AS UVAS (BÉNI SOIT QUI MAL Y PENSE), POR SAMUEL RAWET	58
5.2.6. ESPERANDO GODOT, POR SAMUEL RAWET	59
5.2.7. A MARGEM D’ “A MANDRÁGORA”, POR SAMUEL RAWET.....	60
5.2.8. ANTONIONI – LUZ E SILÊNCIO, POR SAMUEL RAWET	61
5.2.9. WU, POR SAMUEL RAWET	62

5.2.10. AS AFIRMADES DELETÉRIAS, POR SAMUEL RAWET	63
5.2.11. UMA PENÍNSULA A LESTE DO PAÍS DOS RUJUKS, POR SAMUEL RAWET	64
5.2.12. GRRR!!!, POR SAMUEL RAWET	65

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma tentativa de reunir todos os contos, crônicas e críticas de autoria de Samuel Rawet, bem como dos anúncios de publicações, participações em eventos literários, concursos de literatura e ensaios sobre a sua obra elaborada por críticos e ensaístas da época, todos publicadas no jornal *Correio da Manhã*. Diga-se tentativa pois nem sempre é possível a reconstituição da coleção de arquivo pois muitos vestígios são apagados, destruídos e censurados, como bem pontua Jacques Derrida em sua conferência intitulada *Mal de arquivo – uma impressão freudiana*, tornando a investigação dos vestígios um verdadeiro trabalho arqueológico de fragmentos.

O acesso às publicações de e sobre Samuel Rawet no jornal *Correio da Manhã* foi possível pelo site da Biblioteca Nacional Digital Brasil. Após uma investigação no site, verificou-se que todas as publicações do *Correio da Manhã* foram digitalizadas e disponibilizadas on-line pela Biblioteca, dotada com uma ferramenta de pesquisa que muito auxiliou na elaboração desta pesquisa.

Há no cabeçalho do site: (I) uma caixa de pesquisa para procuras direcionadas por meio de palavras-chave; (II) uma coluna com o número de ocorrências¹ de acordo com a pesquisa; (III) oito acervos disponibilizados das publicações entre 1901 e 1974 com um total de 476.184 páginas – os sete primeiros acervos possuem 9 anos de publicações cada um, enquanto o último acervo possui 4 anos de publicações; e, por fim, temos (IV) o número de páginas de cada acervo, como podemos verificar nos tópicos seguintes:

- a. ACERVO I (1901 – 1909): 21.829 páginas;
- b. ACERVO II (1910 – 1919): 42.249 páginas;
- c. ACERVO III (1920 – 1929): 43.787 páginas;
- d. ACERVO IV (1930 – 1939): 55.657 páginas;
- e. ACERVO V (1940 – 1949): 51.403 páginas;
- f. ACERVO VI (1950 – 1959): 113.531 páginas;
- g. ACERVO VII (1960 – 1969): 107.701 páginas;
- h. ACERVO VIII (1970 – 1974): 40.027 páginas;

¹ Adotarei aqui o substantivo *ocorrências* para designar a quantidade de vezes que a ferramenta identificar o código de pesquisa em todo o jornal digitalizado.

Foi necessário acionar na caixa de pesquisa a palavra-chave *rawet* para que a plataforma selecionasse a quantidade de ocorrências do nome em cada acervo, pois o código completo que seria de maior interesse – *Samuel Rawet* – talvez não localizasse todas as ocorrências. Portanto, notamos que o código *rawet* apareceu em quatro acervos:

- a. ACERVO V (1940 – 1949): 3 ocorrências;
- b. ACERVO VI (1950 – 1959): 75 ocorrências;
- c. ACERVO VII (1960 – 1969): 61 ocorrências;
- d. ACERVO VIII (1970 – 1974): 18 ocorrências.

Sendo assim, o trabalho se divide em seis capítulos: no primeiro há uma reflexão sobre memória e arquivo embasada em pensamentos de Jacques Derrida (2001) e Marcia Eckert Miranda (2011); no segundo apresenta-se uma tabela organizando as ocorrências encontradas sob o código *rawet*, junto com uma relação de textos inéditos que não foram inseridos na antologia *Samuel Rawet: Conto e novelas reunidos*, publicado pela editora Civilização Brasileira, com organização de André Seffrin; no terceiro as considerações finais; no quarto as referências bibliográficas; e, por fim, foram anexados todos os contos contos e ensaios transcritos com a atualização ortográfica e as imagens tratadas e agrupadas com a ferramenta *photo merge* contida no Photoshop, programa disponibilizado pela Adobe.

O catálogo de ocorrências disponibilizado no texto, tem formatação própria – orientação de página em modo paisagem, fonte menor e margem estreita – para tornar a sua consulta prática e rápida, que é sua função. E ainda, para uma reunião de dados mais completa possível, houve a necessidade de também destacar, além do número cardinal em sequência crescente a classificação da ocorrência, a edição do jornal, a data em dia, mês e ano da publicação, identificar se a coluna é de autoria do Samuel Rawet ou não, elaborar uma breve descrição sobre a ocorrência – dando ênfase ao título – e, finalmente, indicar a devida página daquela edição.

2. SAMUEL RAWET NO *CORREIO DA MANHÃ*

2.1. CATÁLOGO DE OCORRÊNCIAS

ACERVO V (1940 – 1949)								
OCORRÊNCIAS	PALAVRA-CHAVE	EDIÇÃO	DIA	MÊS	ANO	AUTORIA DE RAWET?	TÍTULO	PÁGINA
1ª	Chaskiel Rawet ²	14411	25	Outubro	1941	NÃO	“Entrega dos prêmios aos alunos dos cursos secundários, complementares, técnico-profissionais e comerciais”	09
2ª	*	15112	06	Fevereiro	1944	NÃO	Erro da plataforma: identificou “raízes” como “rawet” ³	35
3ª	Samuel Rawet	17219	08	Maio	1949	SIM	CONTO – O Balanço	34

ACERVO VI (1950 – 1959)								
OCORRÊNCIAS	PALAVRA-CHAVE	EDIÇÃO	DIA	MÊS	ANO	AUTORIA DE RAWET?	TÍTULO	PÁGINA
1ª	Szmul Urys Rawet	17268	02	Setembro	1950	NÃO	ENSINO – Escola Nacional de Engenharia	15
2ª	Szmul Urys Rawet	17632	07	Setembro	1950	NÃO	ENSINO – Escola Nacional de Engenharia	21
3ª	Szmul Urys Rawet	17634	09	Setembro	1950	NÃO	ENSINO – Escola Nacional de Engenharia	15
4ª	Szmul Urys Rawet	17776	01	Março	1951	NÃO	ENSINO – Escola Nacional de Engenharia	05
5ª	Szmul Urys Rawet	17797	27	Março	1951	NÃO	ENSINO – Escola Nacional de Engenharia – As provas de hoje – Pagamento, amanhã, dos professores e de todo o pessoal administrativo	06
6ª	Szmul Urys Rawet	17856	06	Junho	1951	NÃO	ENSINO – Escola Nacional de Engenharia – Provas de hoje e amanhã	05
7ª	Szmul Urys Rawet	17903	31	Julho	1951	NÃO	ENSINO – Escola Nacional de Engenharia – Avisos	05
8ª	Samuel Rawet	17912	10	Agosto	1951	NÃO	(TOTAL DE 2 OCORRÊNCIAS) A) (2 OCORRÊNCIAS) TEATRO – “Romeu e Julieta” pelo Teatro do Estudante do Espírito Santo	07
9ª	Samuel Rawet	17952	27	Setembro	1952	NÃO	TEATRO – Dia 27 A Apresentação de 4 Peças ⁴	09

² Aparece o nome de Chaskiel Rawet (?). Ainda não encontrei informações sobre ele, portanto, não sei se há alguma relação com Samuel Rawet.

³ Me fez perguntar se não haveria ocorrido algum erro parecido onde não foi possível encontrar o nome “Rawet”.

⁴ Está apagado o nome da peça escrita por Samuel Rawet para a encenação no Teatro dos Estudantes.

10 ^a	Mindia Rawet ⁵	18064	09	Fevereiro	1952	NÃO	ENSINO – Filosofia; candidatos ao concurso de habilitação chamados à secretaria – Curso de Letras neo-latinas	08
11 ^a	Szmoul L. Rawet	18146	21	Maio	1952	NÃO	ENSINO – Engenharia	06
12 ^a	Szmul Rawet	18153	29	Maio	1952	NÃO	ENSINO – Engenharia	06
13 ^a	Samul Rawet	18158	04	Junho	1952	NÃO	ENSINO – Engenharia	05
14 ^a	Samul Rawet	18161	07	Junho	1952	NÃO	ENSINO – Engenharia	06
15 ^a	Smul Rawet	18165	12	Junho	1952	NÃO	ENSINO – Engenharia – Provas Parciais do Primeiro Período	06
16 ^a	Szmul Rawet	18196	18	Julho	1952	NÃO	ENSINO – Engenharia – Segunda chamada para a primeira prova parcial	06
17 ^a	Ezmul Urys Rawet	18389	06	Março	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Notícias do DA.	13
18 ^a	Szmul Uris Rawet	18409	29	Março	1953	NÃO	ENSINO – Diretório Acadêmico	14
19 ^a	Szmul Uris Rawet	18422	15	Abril	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia	06
20 ^a	Szmul Uris Rawet	18423	16	Abril	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Matrículas no 1º Ano	06
21 ^a	Szmul Urys Rawet	18426	19	Abril	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Matrículas no 1º Ano	17
22 ^a	Szmul Rawet	18429	24	Abril	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Provas	06
23 ^a	Szmul Rawet	18432	28	Abril	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Correspondência	10
24 ^a	Samul Uris Rawet	18450	20	Maio	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Provas	06
25 ^a	Szmul Uris Rawet	18457	28	Maio	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Segunda chamada para provas ou exames finais	06
26 ^a	Szmul Urys Rawet	18458	29	Maio	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Provas	08
27 ^a	Szmul Urys Rawet	18464	05	Junho	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Provas	06
28 ^a	Fejzak Moszek Rawet ⁶	18517	06	Agosto	1953	NÃO	Naturalizações Concedidas	10
29 ^a	Samuel Rawet	18527	18	Agosto	1953	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Festa de Escritores	12
30 ^a	Szmul Urys Rawet	18534	36	Agosto	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Notícias do D. A.	06
31 ^a	Szmul Uryz Rawet	18548	11	Setembro	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Provas	06
32 ^a	Szmul Uryz Rawet	18549	12	Setembro	1953	NÃO	ENSINO – Engenharia – Provas	10
33 ^a	Samuel Rawet	18632	19	Dezembro	1953	SIM	CRÍTICA – “Hecuba”	07
34 ^a	Samuel Rawet	18838	24	Agosto	1954	NÃO	(TOTAL DE 2 OCORRÊNCIAS) A) (2 OCORRÊNCIAS) ESCRITORES E LIVROS – Exposição Comemorativa	10
35 ^a	Samuel Rawet	19061	18	Maio	1955	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Periscópio ⁷	12
36 ^a	Samuel Rawet	19099	01	Julho	1955	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Periscópio	10

⁵ Talvez tenha parentesco com o Samuel Rawet.

⁶ Provavelmente algum parente de Samuel Rawet que recebeu naturalização brasileira no Distrito Federal.

⁷ É noticiado aqui a publicação estreada de um livro de contos do Samuel Rawet.

37 ^a	Samuel Rawet	19102	05	Julho	1955	NÃO	VIDA CULTURAL – VÁRIAS – Encerramento do I Congresso Brasileiro de Trovadores	16
38 ^a	Sílvia Rawet ⁸	19176	29	Setembro	1955	NÃO	PREFEITURA – Disciplina de Ciências Naturais	07
39 ^a	Samuel Rawet	19189	14	Outubro	1955	NÃO	ESCITORES E LIVROS – Livros a Mancheia	10
40 ^a	Samuel Rawet	19194	20	Outubro	1955	NÃO	ESCITORES E LIVROS – O Que Vamos Ler ⁹	14
41 ^a	Samuel Rawet	19207	05	Novembro	1955	SIM	CRÍTICA – Esperando Godot	09
42 ^a	Samuel Rawet	19209	08	Novembro	1955	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Periscópio	14
43 ^a	Samuel Rawet	19210	09	Novembro	1955	NÃO	INTINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS – Novos Sócios do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro	12
44 ^a	Sílvia Rawet	19246	21	Dezembro	1955	NÃO	PREFEITURA – Disciplina de Ciências Naturais	07
45 ^a	Samuel Rawet	19315	14	Março	1956	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Em Poucas Linhas	12
46 ^a	Samuel Rawet	19319	18	Março	1956	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Em Poucas Linhas	14
47 ^a	Israel Meier Rawet ¹⁰	19323	23	Março	1956	NÃO	ATOS OFICIAIS – Pôsto Telegráfico na Réde Ferroviária do Nordeste	06
48 ^a	Samuel Rawet	19327	28	Março	1956	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Em Poucas Linhas	12
49 ^a	Samuel Rawet	19330	01	Abril	1956	NÃO	FRASES DA SEMANA ¹¹	61
50 ^a	Samuel Rawet	19331	03	Abril	1956	NÃO	Anúncio publicitário da editora José Olympio	02
51 ^a	Samuel Rawet	19376	26	Maior	1956	NÃO	LITERATURA – OS ESCRITORES NOVOS TOMAM POSIÇÃO – “Há uma crise na literatura brasileira?” Reportagem de Carlos David	14
52 ^a	Samuel Rawet	19387	08	Junho	1956	NÃO	Anúncio publicitário da editora José Olympio	02
53 ^a	Samuel Rawet	19388	09	Junho	1956	NÃO	Problemática da ficção contemporânea, por Oswaldino Marques	09
54 ^a	Samuel Rawet ou Rawet	19394	16	Junho	1956	NÃO	TOTAL DE 12 OCORRÊNCIAS A) (03 OCORRÊNCIAS) LITERATURA – OS ESCRITORES NOVOS TOMAM POSIÇÃO – “Há uma crise na literatura brasileira?” Reportagem de Carlos David B) (09 OCORRÊNCIAS) LITERATURA – LIVROS NA MESA – Contos do imigrante, por Oswaldino Marques	08
55 ^a	Rawet	19394	16	Junho	1956	NÃO	CONTINUAÇÃO DOS TEXTOS IDENTIFICADOS EM A) E B) NA OCORRÊNCIA 54 ^a	12
56 ^a	Samuel Rawet ou Rawet	19438	07	Agosto	1956	NÃO	RÁDIO E TV – OUVINDO E ANOTANDO – “A NOITE QUE VOLTA”	

⁸ Talvez algum parente de Samuel Rawet.

⁹ É mencionado o livro *Contos do Imigrante* de Samuel Rawet.

¹⁰ Talvez algum parente de Samuel Rawet.

¹¹ Uma nota do crítico literário Raul Lima sobre o livro *Contos do Imigrante* que diz: “Sinto-me um pouco como o obstetra que acompanha uma gestação bem sucedida”.

57 ^a	Samuel Rawet	19480	25	Setembro	1956	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – TELEVISÃO E LITERATURA	16
58 ^a	Samuel Rawet	19510	30	Outubro	1956	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – NOTÍCIAS	16
59 ^a	Samuel Rawet	19546	12	Dezembro	1956	NÃO	ESCRITORES E LIVROS, por José Condé	12
60 ^a	Samuel Rawet	19562	01	Janeiro	1957	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – DEZEMBRO – OS 10 MELHORES, por José Condé	14
61 ^a	Samuel Rawet	19608	24	Fevereiro	1957	NÃO	TEATRO – TEATRO DE VERDADE, ÀS SEGUNDAS-FEIRAS, NA TELEVISÃO TUPI – Fala-nos o diretor Flávio Rangel sôbre o repertório de março	15
62 ^a	Samuel Rawet	19620	13	Março	1957	NÃO	TEATRO – “OS AMANTES” É BASEADO NUM CONTO DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ	11
63 ^a	Samuel Rawet	19644	10	Abril	1957	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Em poucas linhas, por José Condé	12
64 ^a	Samuel Rawet	19646	12	Abril	1957	NÃO	CINEMAS E TEATROS – PREDOMINÂNCIA DA PEÇA DE AUTOR BRASILEIRO	29
65 ^a	Rawet	19658	27	Abril	1957	NÃO	TEATRO – “A VIDA NÃO É NOSSA” DIA 3 DE MAIO NO MUNICIPAL	15
66 ^a	Samuel Rawet	19723	13	Julho	1957	NÃO	LITERATURA – LIVROS DA SEMANA – “AS NOITES DO MORRO DO ENCANTO”	11
67 ^a	Samuel Rawet	19777	14	Setembro	1957	SIM	CONTO – Natal sem Cristo	09
68 ^a	Samuel Rawet	19987	25	Maio	1958	NÃO	MANIFESTO DO HUMANISMO UNIVERSITÁRIO	92
69 ^a	Samuel Rawet	20194	24	Janeiro	1959	NÃO	O QUE VAMOS LER	11
70 ^a	Samuel Rawet	20363	14	Agosto	1959	NÃO	“PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS” – GUILHERME: 16 VOTOS À FRENTE DO SEGUNDO COLOCADO, QUE VOLTOU A SER M. BANDEIRA – Placard do Concurso	04
71 ^a	Samuel Rawet	20364	15	Agosto	1959	NÃO	“PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS” – AUMENTA A VANTAGEM DE GUILHERME: 27 VOTOS SÔBRE O SEGUNDO COLOCADO	03
72 ^a	Ezequiel Rawet ¹²	20372	25	Agosto	1959	NÃO	PREFEITURA – EM COBRANÇA O IMPÔSTO PREDIAL DOS IMÓVEIS RELACIONADOS NO LOTE 7 – CONCURSO PARA GUARDA DA POLÍCIA DE VIGILÂNCIA – DESPACHOS DO PREFEITO	08
73 ^a	Samuel Rawet	20377	30	Agosto	1959	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Negrito & Claro, por José Condé	23
74 ^a	Samuel Rawet	20452	27	Novembro	1959	NÃO	CAPA – Suplemento Intergrafico Singra (nº 397) – Conto de Samuel Rawet	29

¹² Talvez, mais uma vez, algum parente de Samuel Rawet.

75 ^a	Samuel Rawet	20452	27	Novembro	1959	SIM	CONTO – Parábola do Filho e da Fábula – Ilustração de Amélia	35
-----------------	--------------	-------	----	----------	------	-----	--	----

ACERVO VII (1960 – 1969)								
OCORRÊNCIAS	PALAVRA-CHAVE	EDIÇÃO	DIA	MÊS	ANO	AUTORIA DE RAWET?	TÍTULO	PÁGINA
1 ^a	Samuel Rawet	20491	14	Janeiro	1960	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – DIZEM...	18
2 ^a	Rawet	20998	06	Setembro	1961	NÃO	ESCRITORES E LIVROS - NOTÍCIAS	12
3 ^a	Clara Garfinkel Rawet ¹³	21275	05	Agosto	1962	NÃO	GOVERNO DO ESTADO – ABERTA AS INSCRIÇÕES DO CURSO DE DATILOGRAFIA – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA	08
4 ^a	Samuel Rawet	21374	05	Dezembro	1962	NÃO	Flagrantes de J., J. & J. – 15 Contam Histórias	11
5 ^a	Samuel Rawet	21376	07	Dezembro	1962	NÃO	“15 Contam Histórias” e a ABBR	05
6 ^a	Samuel Rawet	21377	08	Dezembro	1962	NÃO	O LIVRO QUE RECOMENDAMOS	14
7 ^a	Samuel Rawet	21380	12	Dezembro	1962	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – 15 CONTAM HISTÓRIAS	14
8 ^a	Samuel Rawet	21425	06	Fevereiro	1963	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – 10 notas curtas – 9) AS EDIÇÕES GDR...	14
9 ^a	Samuel Rawet	21485	20	Abril	1963	SIM	CRÔNICA – Antonioni – Luz e Silêncio	09
10 ^a	Samuel Rawet	21495	03	Maio	1963	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Novidades da Globo	16
11 ^a	Samuel Rawet	21514	25	Maio	1963	SIM	CONTO – A Margem d’ “A Mandrágora”	11
12 ^a	Samuel Rawet	21522	04	Junho	1963	NÃO	O vaivém do Salão Moderno – O Itinerário das Artes Plásticas, por Jayme Maurício – Movimento	18
13 ^a	Samuel Rawet	21532	15	Junho	1963	SIM	CONTO – Wu	11
14 ^a	Samuel Rawet	21544	29	Junho	1963	SIM	CONTO – As Afirmitudes Deletérias	10
15 ^a	Samuel Rawet	21544	29	Junho	1963	NÃO	QUESTIONÁRIO – Otto Maria Carpeaux	11
16 ^a	Samuel Rawet	21550	06	Julho	1963	NÃO	LIVROS NA MESA – Acabou a Música, Vamos Todos Para as Nossas Cadeiras, por Fausto Cunha	10
17 ^a	Samuel Rawet	21562	20	Julho	1963	SIM	CONTO – Estão Mesmo Verdes as Uvas – Béni soit qui mal y pense	17
18 ^a	Samuel Rawet	21580	10	Agosto	1963	SIM	CONTO – Uma Península a Leste do País dos Rajuks	14
19 ^a	Samuel Rawet	21580	10	Agosto	1963	NÃO	QUESTIONÁRIO, por Carlos Heitor Cony – O QUE VAMOS LER	15
20 ^a	Samuel Rawet	21590	22	Agosto	1963	NÃO	LEITURA – EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO 84 PÁGINAS – LITERATURA	22
21 ^a	Samuel Rawet	21591	23	Agosto	1963	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Várias	16

¹³ Provável parente de Samuel Rawet.

22 ^a	Samuel Rawet	21592	24	Agosto	1963	NÃO	LEITURA – EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO 84 PÁGINAS – LITERATURA	06
23 ^a	Samuel Rawet	21604	07	Setembro	1963	NÃO	LIVROS DA SEMANA – “DIÁLOGO”	15
24 ^a	Samuel Rawet	21634	12	Outubro	1963	NÃO	LIVROS DA SEMANA – “UM HOMEM E OS HOMENS LÁ FORA”	15
25 ^a	Samuel Rawet	21640	19	Outubro	1963	SIM	CRÔNICA – GRRR!!!	14
26 ^a	Samuel Rawet	21683	10	Dezembro	1963	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – “Jornal de Letras”	18
27 ^a	Samuel Rawet	21701	01	Janeiro	1964	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Romances e Contos	14
28 ^a	Samuel Rawet	B21790	17	Abril	1964	NÃO	TESTEMUNHOS – Jovens contistas, por Octavio de Faria	09
29 ^a	Samuel Rawet	A21813	16	Maio	1964	NÃO	Jornal de Letras nas Bancas	03
30 ^a	Samuel Rawet	B21813	16	Maio	1964	NÃO	Jornal de Letras nas Bancas	03
31 ^a	Samuel Rawet	A21848	26	Junho	1964	NÃO	ESCRITORES E LIVROS - Várias	14
32 ^a	Samuel Rawet	21867	18	Julho	1964	NÃO	Talento jovem dá sangue novo à Literatura, por José Louzeiro – DALTON E RAWET	14
33 ^a	Samuel Rawet	21909	05	Setembro	1964	NÃO	TEATRO – Com Sadi Cabral, diretor, por Van Jafa	18
34 ^a	Rawet; Samuel Rawet	21945	17	Outubro	1964	NÃO	TOTAL DE 2 OCORRÊNCIAS A) (2 OCORRÊNCIAS) REVISTA DOS LIVROS – CRÍTICA – Idéias Pessoais	17
35 ^a	Samuel Rawet	21963	08	Novembro	1964	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – ANTOLOGIA	60
36 ^a	Samuel Rawet	22105	29	Abril	1965	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Várias	17
37 ^a	Samuel Rawet	22111	07	Maio	1965	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Antologia	16
38 ^a	Samuel Rawet	22124	22	Maio	1965	NÃO	REVISTA DOS LIVROS - CONTOS	14
39 ^a	Samuel Rawet	22215	05	Setembro	1965	NÃO	Êles são notícia...	29
40 ^a	Samuel Rawet	22296	10	Dezembro	1965	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Vida Literária 1965	18
41 ^a	Samuel Rawet	22308	24	Dezembro	1965	NÃO	TEATRO – Revelações do diretor Sadi Cabral, por Van Jafa	20
42 ^a	Samuel Rawet	22348	11	Fevereiro	1966	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – A Coleira do Cão, por José Condé	16
43 ^a	Samuel Rawet	22394	08	Abril	1966	NÃO	(TOTAL DE 3 OCORRÊNCIAS) A) (3 OCORRÊNCIAS) FICÇÃO BRASILEIRA ATUAL – SITUAÇÃO DO CONTO E UM CONTISTA, por Fausto Cunha	13
44 ^a	Samuel Rawet	22569	30	Outubro	1966	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Estudos de literatura brasileira, por José Condé	20

45 ^a	Samuel Rawet	22709	18	Abril	1967	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – II Semana Nacional do Escritor, por José Condé	18
46 ^a	Samuel Rawet	22826	02	Setembro	1967	NÃO	Qual é a pedra no caminho do autor nacional?	16
47 ^a	Samuel Rawet	22846	26	Setembro	1967	NÃO	ESCRITORES E LIVROS – Contistas brasileiros em alemão, por José Condé	18
48 ^a	Samuel Rawet	22910	10	Dezembro	1967	NÃO	Imagem virtual do romance brasileiro hoje, por Fausto Cunha	56
49 ^a	Samuel Rawet	22926	30	Dezembro	1967	NÃO	1967: A Democratização do Livro – CONTOS	11
50 ^a	Samuel Rawet	22938	14	Janeiro	1968	NÃO	HISTÓRIAS DO AMOR MALDITO – uma seleção de Gasparino Damata dos seus autores preferidos	50
51 ^a	Rawet; Samuel Rawet	23038	19	Maio	1968	NÃO	(TOTAL DE 8 OCORRÊNCIAS) A) (8 OCORRÊNCIAS) A dilaceração metafísica – Antonio Carlos Villaça	42
52 ^a	Samuel Rawet	23073	19	Junho	1968	NÃO	POP – ROSITA THOMAS LOPES – Contos no Paraná	15
53 ^a	Samuel Rawet	23079	06	Julho	1968	NÃO	QUATRO CANTOS – Paraná, por Cícero Sandroni	07
54 ^a	Samuel Rawet	23081	09	Julho	1968	NÃO	LIVROS – I CONCURSO de contos do Paraná, por José Condé	14
55 ^a	Samuel Rawet	23141	17	Setembro	1968	NÃO	QUATRO CANTOS – Agenda, por Cícero Sandroni	07
56 ^a	Samuel Rawet	23203	28	Setembro	1968	NÃO	QUATRO CANTOS – Contos, por Cícero Sandroni	07
57 ^a	Samuel Rawet	23228	28	Dezembro	1968	NÃO	LIVROS – FIM de safra, por José Condé	12
58 ^a	Samuel Rawet	23386	13	Julho	1969	NÃO	QUATRO CANTOS – Claro-escuro, por Cícero Sandroni	07
59 ^a	Samuel Rawet	23453	30	Setembro	1969	NÃO	QUATRO CANTOS – Claro-escuro, por Cícero Sandroni	07
60 ^a	Samuel Rawet	23516	12	Dezembro	1969	NÃO	DE MAIOR – Coronel, Coronéis	25
61 ^a	Samuel Rawet	23526	24	Dezembro	1969	NÃO	(TOTAL DE 2 OCORRÊNCIAS) A) DE MAIOR – RAWETIANA SAI DE 4; B) DE MAIOR – PREMIÁVEL	25

ACERVO VIII (1970 – 1974)

OCORRÊNCIAS	PALAVRA-CHAVE	EDIÇÃO	DIA	MÊS	ANO	AUTORIA DE RAWET?	TÍTULO	PÁGINA
1 ^a	Samuel Rawet	23533	03	Janeiro	1970	NÃO	MOVIOLA – JORNAL DO ESCRITOR	21
2 ^a	Rawet	23561	05	Fevereiro	1970	NÃO	MENSAGEM – CONTO	21
3 ^a	Rawet	23598	22/23	Março	1970	NÃO	O FIM É A MENSAGEM – Livros	42

4ª	Samuel Rawet	23633	03/04	Maio	1970	NÃO	DIPLOMATAS DO SERTÃO – Senso e Consenso, por Dinah Silveira de Queiroz	14
5ª	Samuel Rawet	23646	19	Maio	1970	NÃO	MENSAGEM – Livros	27
6ª	Samuel Rawet	23666	11	Junho	1970	NÃO	AIO – Mandei aquecer minha biblioteca à temperatura de 451 Fahrenheit	21
7ª	Rawet; Samuel Rawet	23674	20	Junho	1970	NÃO	(TOTAL DE 2 OCORRÊNCIAS) A) (2 OCORRÊNCIAS) FAZER NO SEU LAZER – LIVROS – Pra ler no lazer	23
8ª	Samuel Rawet	23816	03	Dezembro	1970	NÃO	HOJE EM DIA – os suplentes	02
9ª	David Isac Rawet ¹⁴	23872	09	Fevereiro	1971	NÃO	EDUCAÇÃO – Matemática	19
10ª	Samuel Rawet	24068	28	Setembro	1971	NÃO	Uma explicação sobre a ficção científica	22
11ª	Samuel Rawet	24112	18	Novembro	1971	NÃO	Roberto Drummond e os novos caminhos do conto brasileiro	21
12ª	Rawet; Samuel Rawet	24128	07	Dezembro	1971	NÃO	(TOTAL DE 10 OCORRÊNCIAS) A) (10 OCORRÊNCIAS) A necessidade de escrever contos, por Ronaldo Conde	19
13ª	Samuel Rawet	24129	08	Dezembro	1971	NÃO	(TOTAL DE 2 OCORRÊNCIAS) A) (2 OCORRÊNCIAS) JORNAL DE SERVIÇO – Aqui, bons livros de contos	23
14ª	Samuel Rawet	24138	19/20	Dezembro	1971	NÃO	BALAIO – AS SISUDAAS, por Germana de Lamare	42
15ª	Samuel Rawet	24224	02/03	Abril	1972	NÃO	ARTES PLÁSTICAS/LITERATURA/TV – Escritor novo, igual a zero, por Marcos Santarrita	30
16ª	Samuel Rawet	24236	16/17	Abril	1972	NÃO	LITERATURA – Modernismo revisitado, por Assis Brasil	26
17ª	Rawet; Samuel Rawet	24260	15	Maio	1972	NÃO	(TOTAL DE 4 OCORRÊNCIAS) A) (1 OCORRÊNCIA) TEATRO/LITERATURA – O moderno conto brasileiro – Os pioneiros, por Assis Brasil B) (3 OCORRÊNCIAS) TEATRO/LITERATURA – O moderno conto brasileiro – Rawet, por Assis Brasil	32
18ª	Samuel Rawet	24290	18/19	Junho	1972	NÃO	(TOTAL DE 2 OCORRÊNCIAS) A) (2 OCORRÊNCIAS) Rawet fala de Rawet, por Flávio Moreira da Costa	31

¹⁴ Provável parentesco com Samuel Rawet.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao começar a análise das ocorrências encontradas sobre Samuel Rawet no *Correio da Manhã* disponibilizado pela Biblioteca Nacional Digital Brasil, não esperava que fosse apontar também vestígios de sua trajetória no curso de Engenharia, mostrando datas de provas, chamadas para início das aulas, formaturas e entre outros anúncios. Para aqueles que procuram um trabalho biográfico sobre Rawet, este trabalho poderá ser um facilitador para a pesquisa.

Foram encontradas também ocorrências de pessoas com o mesmo sobrenome do autor, o que indicaria que talvez compartilhariam de parentesco com Samuel Rawet. Entre as ocorrências verificadas destes potenciais parentes, temos chamadas de vestibulares, de concursos e de órgãos públicos para obtenção de cidadania brasileira. Dados que também corroborariam em estudos biográficos.

Verificou-se também que a plataforma de pesquisa não é de total maestria. Foi identificado entre as ocorrências um erro da ferramenta pois uma outra palavra diferente do código pedido foi indicada. Devido a esta falha, pode-se pensar que pode ter ocorrido o oposto: palavra-chave não ter sido identificada na pesquisa. Mas como dito anteriormente, essa é problemática do mal de arquivo: muitos dos nossos vestígios se perdem. Poderia deduzir que talvez uma procura mais detalhada das folhas de jornal sem a utilização da ferramenta superaria este obstáculo. Mas, ainda sim, estaria suscetível a erros e ao apagamento.

Por fim, muito material foi reunido no decorrer da elaboração deste trabalho. Texto foram escavados e trazidos à luz do acervo para consulta de futuros pesquisadores interessados na obra e vida de Samuel Rawet. Aqui não será o ponto final, e sim o início da exploração dos arquivos, horizonte labiríntico da memória cultural.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. DISPONÍVEL EM:
<[HTTPS://BNDIGITAL.BN.GOV.BR/](https://bndigital.bn.gov.br/)>. ACESSO EM: 07 DEZ. 2018.

CORREIO DA MANHÃ. DISPONÍVEL EM:
<[HTTP://MEMORIA.BN.BR/DOCREADER/DOCMULTI.ASPX?BIB=089842&PESQ](http://memoria.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=089842&pesq)>. ACESSO
EM: 07 DEZ. 2018.

DERRIDA, JACQUES. MAL DE ARQUIVO: UMA IMPRESSÃO FREUDIANA. TRADUÇÃO,
CLAUDIA DE MORAES REGO. RIO DE JANEIRO: RELUME DUMARÁ, 2001.

HUYSEN, ANDREAS. CULTURAS DO PASSADO-PRESENTE: MODERNISMOS, ARTES VISUAIS,
POLÍTICAS DA MEMÓRIA. TRADUÇÃO DE VERA RIBEIRO - 1. ED. - RIO DE JANEIRO:
CONTRAPONTO: MUSEU DE ARTE DO RIO, 2014.

MIRANDA, MARCIA ECKERT MIRANDA. HISTORIADORES, ARQUIVISTAS E ARQUIVOS.
ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. SÃO PAULO, JULHO 2011

RAWET, SAMUEL. CONTOS E NOVELAS REUNIDOS. RIO DE JANEIRO: CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA, 2004.

RAWET, SAMUEL. SAMUEL RAWET: ENSAIOS REUNIDOS. ORGANIZAÇÃO ROSANA KOHL
BINES E JOSÉ LEONARDO TONUS. RIO DE JANEIRO: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2008.

5. ANEXOS

5.1. TRANSCRIÇÕES DOS TEXTOS ESCRITOS POR SAMUEL RAWET PUBLICADOS NO *CORREIO DA MANHÃ*

5.1.1. O BALANÇO, POR SAMUEL RAWET

Levantou os olhos. Diante dele uma turma de cinquenta jovens aguardava o início da aula. Fisionomias risonhas, dentes alvos à mostra, esboços de barba rodeando rostos infantis. Das moças, a maioria tinha ensaiado pintura. Talvez nem gostassem de matemática. E tão pau. Um ligeiro murmúrio principiou a se formar após o silêncio forçado. Uma pancada com a régua sobre a mesa. Calaram-se. Pela janela filtrava-se uma claridade intensa. Um dia bonito principiava a se formar lá fora. Espiou. Céu claro. Nenhuma nuvem. Alguns galhos ao longe torciam-se ociosamente, batidos por uma aragem leve. A natureza convidava para a Vida. E ele ali estava, preso à uma cadeira, pelas costas um quadro-negro aguardando fórmulas, deduções, pela frente cinquenta alunos, Impossível!

- Teremos prova hoje!

- Professor! O sr. Não avisou!

Foi em vão. O quadro hostil que se formou não o demoveu da ideia. Uma prova. Ele poderia pensar. Precisava pensar. Sentia no momento uma necessidade de dar um balanço em si mesmo. Uma prova. Três questões a serem feitas em uma hora. Bastava. Um reboleio de papéis, de lugares, viagens pela sala, lápis emprestado. Tudo serenou. Alguns já trabalhavam, outros buscavam inspiração.

No colégio público todos o admiravam. Sempre com a camisa branca impecável, a pequena gravata azul marinho, da cor das calças, no lugar certo. Quando a professora, de dentes salientes e cabelo em forma de chapéu de múmia de faraó, fazem uma pergunta, ele ali estava, o dedo miúdo em pé, e a resposta saltava imediatamente. No fim do ano ganhava presentes. Certa vez até uma bandeira da pátria lhe deram, grande, de pano bordado. Naquele dia ele foi orgulhosamente para casa.

Seu irmão era barbeiro. Morava nos fundos da loja, em dois pequenos aposentos. Orgulhava-se dele. A família era grande. Ninguém pudera estudar. O pai morreu cedo, e o trabalho reclamava-os. Esse não! Ia ser alguma coisa. Enquanto a tesoura volteava ligeiramente sobre a cabeça de algum freguês, ele sonhava com o irmão mais novo. Seria alguém na vida. Naturalmente, importante. Todos o diziam. Importante.

- Não amola!

Ergueu a cabeça. Um aluno assediava um colega para lhe dar a questão resolvida. O outro exclamou. Fez de conta que não viu. Alguém deixou cair uma folha no chão. Outro levantou-a. Nada aconteceu. Mergulhou novamente nos pensamentos.

Depois veio o ginásio. Conseguiram para ele gratuidade em colégio do governo. Mas uma carreira brilhante iniciou-se. Um, dois, três anos cursados brilhantemente, elogios de professores, respeito dos colegas, honras da agremiação escolar, diretor do pequeno jornal mimeografado no colégio. No fim do quarto, foi o orador oficial da turma. Nervoso, pronunciou discurso preparado em casa. Um primor.

- Esse menino é um gênio.

- É meu irmão!

- Meus parabéns!

Novamente olhou para fora. Os mesmos galhos balançando. A luz um pouco mais forte. O mesmo céu claro. Parecia que tudo fora eternamente assim. Que não havia transformações. A mesma coisa, sempre.

- Professor! Isso está certo?

Olhou pausadamente a questão que havia passado. Sim. Havia-se enganado. Errara. Emendou no quadro. Rostos vitoriosos se voltaram para ele. Agora vinha a salvação. Todos já sabiam fazer. Deu uma pancada na mesa. Silêncio.

Que reviravolta em sua vida! Um grande homem! Importante! Um gênio! A avalanche o arrastara a uma situação jamais imaginada. Sentiu que era um peso para o irmão. Quis trabalhar, quis vencer. Foi derrotado. De dia, trabalho, de noite a aula. Ele cansado, o professor cansado, toda a turma possuída pelo cansaço. No mesmo instante é arrebatado pela luta de ideias. Sente que tem um ideal a defender. Discussões. Um ano

perdido. Reprovado. Foi uma bomba. O irmão principiou a duvidar. Ele mesmo duvidou. A torrente não parou. Continuou arrastando-o. Mais um ano perdido. Que se havia passado com ele? Inexplicável. Teve raiva de si mesmo, dos tempos anteriores, bons tempos. Teve raiva de todos. E o ordenado não dava. Passou morar com mãe outra vez. Eram uma dúzia em três cubículos. Nas noites de calor deixavam as janelas escancaradas. Não havia o que roubar. Nas de chuva quase morriam sufocados. A vida principiara a espezinhá-lo. Viu colegas subindo, viu rostos satisfeitos, sempre satisfeitos. E ele descendo, impulsionado por uma força terrível. Sentiu-se envergonhado quando encontrou certa vez colegas de turma. Estava terrivelmente abatido. O terno velho surrado, com a ponta da manga esfiada, a camisa velha e suja. Era a vida.

- Deixa de ser besta!

Outro que se recusava a mandar inspiração. Fez silêncio novamente.

Que obtivera ele no fim de tudo. Reagira, é verdade, principiou novamente os estudos e terminou professor. E agora? Havia vencido? Não! Passava o dia inteiro cortando¹⁵ a cidade diagonalmente, de uma ponta a outra. Uma aula ali, outra acolá, uma em Botafogo, outra da Penha. No fim do mês a carteira vazia. Recebia mal extraordinariamente mal. Impossível reclamar. Perdia tudo. Ficava sem nada. Esforçara-se. Professor! Ganhava o mesmo que um operário. Pouco importa que ele tenha necessidade de um mundo de coisas. Ninguém quer saber. É um simples professor. Lançado em uma cadeira, ante um quadro-negro. Dava aulas. E o homem importante? O gênio? Diluiu-se, na luta da vida, açoitado, joguete da sociedade que lhe dera esperanças, e que em um instante lhe tirara tudo. Bateu a sineta. Terminou a aula.

Em sua frente um monte de folhas rabiscadas, borradas, atapetando a mesa. Exercícios. E o balanço. Relembrou alguns acontecimentos, fizera desfilar pela memória os anos que passaram e que ficaram gravados cada qual com uma sensação diferente. O que devia ele à Vida? O que lhe devia ela? Estariam quites?

Juntou calmamente as folhas de papel, dobrou-as e jogou tudo na cesta de papéis.

Desnecessário corrigir. Ninguém sabia nada. Nada. Dentro de alguns instantes outros

¹⁵ Está impresso no jornal a palavra “cortanlo”. Inferi que talvez esteja sem sentido, portanto na transcrição adotei a possível correção para “cortando”.

cinquenta viriam. Outra aula. Não se sentia disposto. Apanhou o chapéu e retirou-se. Havia chegado a uma conclusão. A Vida lhe devia muito. Estava em déficit. Fizera o balanço.

5.1.2. HECUBA, POR SAMUEL RAWET

A perfeição é apanágio dos deuses somente. Erros e defeitos são inerentes à condição humana. Mas apontar estes erros e esses defeitos não significa anular a condição humana, nem negar o homem como realidade.

São necessárias as palavras acima, ainda que saibam a um certo pedantismo, para melhor definir nossa posição em vista do último espetáculo do teatro do estudante: Hecuba de Eurípedes. É cedo, ainda, para averiguar o verdadeiro papel desempenhado pelo T. E. no centro teatral do país. O Duse, recém-inaugurado, e prolongado do mesmo, talvez assinale uma nova etapa em sua vida, uma etapa mais durável, mais contínua mais sólida. Sua vitalidade está ligada à pessoa de seu diretor, Paschoal Carlos Magno, e, praticamente, duas têm sido as atitudes de opiniões sobre o T. E.: negação absoluta ou elogio farto, dependendo uma ou outra do ponto em que se encontram as relações individuais. Isto generalizado nos conduz mais ou menos a um estado de espírito imperante em nossa crítica teatral, com exceções, é claro. O jogo de conveniências é mais importante que a realidade artística. E aí daquele que ouse discordar do panorama geral. Só lhe restam epítetos depreciativos e os ares de desprezo. Se em um espetáculo de nível verifica falhas em certos pontos, lançam-lhe ao rosto a pecha de demolidor, e esquecidos os elogios, guardam-lhe somente as observações de erros como se com isto quisesse anular tudo. Não há entre nós, e o afirmamos com a coragem que, segundo alguns, só nós damos a nossa mocidade, um espírito receptivo a outra espécie de crítica. A velha geração traz um vício que vem de longe, e a nova, nem bem ensaiando os primeiros passos, já se improvisa em uma mentalidade de “gênios”.

Daí a necessidade de evitar confusões, de falar claro, de definir bem as palavras e as atitudes, para impedir que os donos de nossa vida teatral as deturpem, ou as adaptem a seu gosto. Não há duplo sentido. Nada temos contra os indivíduos. O que nos importa, exclusivamente, é o espetáculo apresentado.

Dos trágicos gregos, o que deve apresentar maior dificuldade para uma encenação é, talvez, Eurípedes. Se um estudo minucioso dos textos e costumes da época, e a convenção do que é, para nós outros, tragédia, pode facilitar a montagem do Ésquilo ou Sófocles, já com Eurípedes, o problema se nos assemelha mais complexo. Os primeiros apresentam

para nós todas as características do conceito formal que temos de tragédia. Utilizando o texto para uma concepção cênica adaptada à nossa época e à nossa técnica, os resultados podem ser excelentes. Já em Eurípedes, e isso é afirmado por inúmeros estudiosos que lhe diducaram obras, o conceito formal de tragédia se desvia, e pode-se observar nele, em germen, o drama moderno. Há nessa distinção mais que um aspecto elementar de variação de forma, há toda uma atitude diante da vida e diante do mundo cênico, há, em suma, um contraste tão grande que, em certos pontos, é impossível confundir. Ora, um recurso utilizado para delimitar os campos da tragédia e do drama e o ritmo da fala, mais que outro elemento qualquer. O tom coloquial é universalmente aceito para o último. Se em Eurípedes os dois estão presentes, como ajustar os ritmos para que não se crie um choque? Esse, parece-nos, seria o problema mais difícil para um diretor resolver. Como obter o equilíbrio. A solução seria uma busca de ritmo próprio, uma fusão dos dois ritmos em busca de um terceiro. Essa tentativa não foi realizada pela direção da Hecuba. Assim, as duas maneiras se chocam, criam um contraste que não é essencial a ação, pois que este pertence a outros elementos. Servem como exemplos a cenas de Hecuba com o Coro, ou com a Ama, e as de Hecuba com Ulisses ou Polimenestor. Essa falta de continuação conduz a momentos hesitantes onde, sente-se, o ator cumpre sua fala, simplesmente.

Feita esta observação, podemos dizer que Hecuba foi o melhor espetáculo já apresentado pelo Teatro do Estudante, pelo menos desde a época que nossa idade conseguiu alcançar. Há nele, apesar de falhas individuais, uma unidade e um senso de equipe que nunca foram atingidos. Não é mais o espetáculo em função de um ou dois elementos de destaque (e eles também aqui estão) mas o que vive em função do conjunto. Tem a dignidade e a sobriedade que só um senso de equipe pode dar. Mesmo os elementos fracos comportam-se de tal maneira que não chegam a quebrar o caráter unitário do espetáculo. Talvez um número maior de ensaios desse maior vigor ao Coro, mais rjeza ao conjunto, e maior força à parte masculina do elenco. Esta, em face da parte feminina, não satisfaz plenamente. Há mesmo um problema físico que não nos parece ter sido bem solucionado. Nesse ponto, o único coadunando é Jorge Chaia em Taltíbios.

O ponto alto de Hécuba, sem dúvida, é a parte feminina. A exceção de Luciana Peotta, prejudicada por uma fala inadequada à peça, o Teatro do Estudante joga com três atrizes que dão firmeza à estrutura do espetáculo. Ana Edler, Tereza Raquel e Miriam Carmem. Se juntarmos o nome de Fernanda Montenegro, hora na Cia. de Mme.

Morineau, teremos os quatro nomes mais representativos, a nosso ver, da nova geração de atrizes. Têm a grande virtude da contenção dramática, fenômeno difícil de atingir, porque implica em compreensão de problemas teatrais que ultrapassam a tão desejada reação do público. Ana Edler fez com segurança a Ama; Tereza Raquel, numa ponta quase, revelou uma voz esplêndida, e uma presença segura. Aqueles que a viram no Édipo-Rei de Gide com Renato Viana não de estar lembrados de outra ponta sua, Antígona, que tão grande repercussão alcançou.

E resta Miriam Carmem. A extensão de seu papel exige-lhe, antes de tudo, um esforço físico enorme, que só os verdadeiramente dotados resistem. Consegue nos comunicar aquela dor imensa que só as figuras míticas podem suportar. As expansões trágicas de dor, por um fenômeno psicológico, estão a um passo do ridículo. Os excessos de gestos, os arroubos verbais criam um clima difícilíssimo para um público acostumado às emoções de penumbra de transição. Pois bem, em nenhum instante de Hecuba essa tendência se manifesta, tendência que seria normal a um mínimo deslize da atriz. É esta a vitória de Miriam Carmem. Com uma pobre modulação vocal, é fato, atinge alturas raras em nossos palcos, e se firma, definitivamente, no conceito do público.

5.1.3. PARÁBOLA DO FILHO E DA FÁBULA, POR SAMUEL RAWET

E ali na cama, os olhos abertos após o delírio. Ladeando a cabeceira, o corpo magro e o rosto nervoso da mãe, e o perfil contraído do pai, ambos sentados em pequenos bancos de estofado verde, e uma das mãos sobre o lençol. Uma luz serena vinha do quintal, pela janela aberta, luz mansa de três horas da tarde de um dia de sol e céu lavado por outros dias de chuva, claridade sem ruído, impregnada de um cansaço pelas vizinhanças, densa de modorra e isenta de quaisquer ondulações de galhos ou brisas. É essa a luz que os olhos do filho, bem abertos, aspiram no teto branco, sem intenção de movimento, e adivinha, lá fora, a cor de um horizonte sem manchas, azul, ainda que não visto. O calor sob o lençol não o incomoda, ao contrário, dá-lhe uma noção de conforto e bem-estar temporários que gostaria se prolongasse com o silêncio, sem a intromissão de palavras, embora soubesse que não tardariam, pois os outros dois ali estavam para isso, simplesmente, e daí a instantes principiariam um suposto diálogo. O amontoado de equívocos trouxera-o àquele estado, misto de loucura e lucidez, e se ali morto, talvez devia-o uma persistência ilusória em permanecer ainda, e sobretudo. Mas não lhe viessem com palavras que delas nada esperava, porque em sua teimosia ouvia-as e lia-as sempre de trás para diante, ele, um espelho, e para espanto dos outros maravilhava-se com o sentido de modo algum percebia. Ainda no tempo dos mitos dera sinal de desconhecimento de fronteiras. Olhou o fogo certa vez e tentou dobrar a chama com a palma da mão. Chorara. Mas passada a dor, insistiu. Castigaram-no, então. Senão repetiu o gesto não foi pela dor da chama, mas pela degradação do castigo que de modo vago intuiu. Mas nunca lhe haviam dito que na cor da chama estava a dor. Ainda no tempo das lendas desrespeitara fronteiras. Com uma vara tentou desencantar o gato da casa, e como este insistisse em conservar a feição de sempre. Afastando com a pata a ponta que lhe pousava no fôcinho, ronronando e arregalando os beiços, pronto para a brincadeira, ele enfureceu-se e passou a fustigá-lo com violência. O bichano esquecido de outros afagos, e não se lembrando também de fugir, insistiu contra o amigo de sempre e deixou-o ensanguentado. Castigaram-no então. Se não insistiu na façanha, não foi pelo sangue ou pelas lágrimas, mas pelo mesmo motivo anterior, já agora mais nítido. Mas nunca lhe haviam dito que os gatos desconheciam as lendas. E agora lhe estava, na cama, com os olhos abertos, após o delírio.

- Filho, vou contar-lhe uma fábula - era a voz da mãe, quase sumida, - Quando o inverno chegou, e tudo era neve e gelo, a cigarra que passava o verão inteiro a cantar sentiu fome. Procurou então a formiga que outra coisa não fêz nos bons tempos a não ser guardar e guardar comida para os meses de frio, e pediu-lhe um pouco dessa comida para a sua fome. Pergunta-lhe a formiga, porém: “E no verão o que fizeste?”. “Cantava, cantava sempre, sempre!”, responde a cigarra. “Pois dança agora!”, diz a formiga e tranca-lhe a porta.

- Mas se a cigarra proceder com a formiga, quem cantará no verão?

- Filho, vou contar-te uma fábula - era a voz do pai, já um pouco agressiva - quando a peste grassava entre os animais, o leão, certo de que provinha dos pecados ali cometidos, convocou uma assembleia, para que cada um, confessasse os seus, e o mais culpado morreria, então. Reconheceu ele próprio as mortes injustas praticadas, mas a assembleia perdoou-lhe. O mesmo fez com o urso, com o tigre, com o leopardo e com o lobo. A todos esses a assembleia perdoou. Que não era pecado matar, roubar, estraçalhar, ferir covardemente. E veio o burro, e disse que ao passar com fome no prado de um convento, não resistiu, e provou do capim. E a assembleia em peso, horrorizada com tamanha calamidade, rugia, uivava, regougava, exigindo a punição. E o burro foi imolado.

- Pai, admiro esse burro!

- Filho, vou contar-te uma fábula - era a voz da mãe, já quase chorosa. - Um pastor dormia, sem cuidados, ao longe os cães lhe guardavam o rebanho. Nisso uma serpente se aproxima, e está pronta para atacá-lo, quando um mosquito, que por ali estava também, só encontra um meio de salvar o pastor, o de picá-lo. Acordando, o pastor ainda pôde se apossar do cajado e esmigalhar a cabeça da serpente. Mas doía-lhe a picada na testa, e irritado com o mosquito deixa cair sobre ele a sua mão com violência.

- Mãe, eu sou esse mosquito!

E a cabeça da mãe se dobra em soluços. E na modorra da tarde, na serenidade de um silêncio desejado, só a voz grave e rouca do pai se faz ouvir:

- Filho, se queres viver esquece as fábulas!

5.1.4. NATAL SEM CRISTO, POR SAMUEL RAWET

Arranque-se um homem de sua paz, de seu silêncio, de seu gesto habitual de quem corta a fatia de carne ou sorve um pouco de vinho comum num dia incomum, ergua-se-lhe o rosto criminoso com estigma definido por não se sabe que hábitos. Deixe-se-lhe o corpo exposto pelo avesso numa nudez de vísceras, novo jogral acariciado pelo azorrague de afagos contundentes, pespegue-se-lhe uma cauda de símio no cóccix, decepem-se-lhe os artelhos e a golpe de risos fenda-se-lhe o casco caprino, vendem-se-lhe os olhos cintilantes e ubíquos, extirpe-se-lhe a massa geradora de ideias, conflitos, e de sentimentos, às vezes, ampute-se-lhe o sexo e ofereça-se a metade a cada uma das duas bocas que o fitam com trejeitos obscenos, e das cinzas de seus ossos consumidos em holocausto à iniquidade não se deixe vestígios nem no ar, nem na terra, nem na água, nem no fogo que as precipitou, nem na lembrança de quem daqueles ossos fez estas cinzas. Mas onde então derramá-las, onde, se além do infinito há outro infinito, e bem maior? Pensamentos? Discurso proferido no entusiasmo do semi-ébrio que bruscamente recupera a lucidez? Não saberia dizê-lo. Apenas a torrente como reação ao que ouvira, é a figura de Nani à sua frente, na cabeceira oposta da mesa, o cálice amparado por mãos trêmulas e enrugadas, a cabeça de velha entroncada nos ombros negros de seda, as rugas em movimento de sôfrega decrepitude, a tez amarfanhada na penumbra de velas e de focos amortecidos de arandelas, a avidez concentrada no vinho permitido. É a Nani que Nehemias, Nehemias Goldenberg, fixa seus olhos enquanto os outros continuam a palestrar como se nada ali fora alterado, é em Nani que tenta surpreender a centelha de amparo, algum apoio, se há apoio, resposta, se a houver. É em Nani, alheia, caduca, estranha a qualquer lógica, absorta no vinho, buscando inconsciente reavivar emoções, aquecer nervos de sonhos sepultos, mas ainda assim em com o domínio inteiriço da mesa, é em Nani que deseja surpreender o ódio total, sem subterfúgios, na integridade de sua demência. Do que se diz agora, e do que será dito em breve não guardará palavra. Seu intento é oposto. Retroceder. Recolocar as frases ouvidas no instante em que foram pronunciadas, e repesá-las dentro do contexto estacionário, sem os elementos de encadeamento, sem o impulso de comunicação. É em Nani que busca estancar o tempo, estancá-lo até a imobilidade para vencida a inércia, inverter o movimento. Nunca bracejar contra a correnteza, mas conter-lhe o ímpeto, domá-la, e derivar para montante. Falava-se de judeus naquela ceia de Natal quando Nehemias, a princípio

contrafeito, foi dominado pela repentina consciência do intruso para ali conduzido pelo amigo, e mais brusca ainda a outra conclusão: estava ali o universo, os outros e ele, com os mesmos lugares-comuns, e a mesma contradição insolúvel. Só Nani pedira mais vinho. Nani, Ana Castanheira de Miranda Campos, com seus setenta e cinco anos de energia física regendo os seus dez súditos nesse extremo de sala de jantar de residência moderna, com seus cinzas e azuis pelas paredes, suas poltronas variegadas, seus bancos anatômicos, seus vasos amebiformes, seu janelão imenso de parapeito baixo a dominar a enseada da Urca, as arestas montanhosas e o reflexo nas águas calmas da baía, e o contraste do pinheiro de metro e meio já despojado dos presentes, e de um Cristo barroco crucificado à meia altura do painel da parede que se estendia à frente de Nehemias, atrás de Nani. Falava-se de judeus naquela ceia de Natal, ao lado do pinheiro multicolor e adiante do Cristo eternizado no espasmo da última dor terena. E ali estavam, à esquerda de Nehemias: Albino Fontoura, genro de Nani, importador e representante de várias indústrias dos Estados; Lenita, dezessete anos morenos, esportivos, olhos verdes e inconsequentes, filha de Albino; outro filho casado já, Luís (político de primeira eleição ganha, colete ajustando um corpo roliço, entradas e testa reluzentes de eterna calma mental), e sua esposa, Vera, filha de senador vitalício, rosto magro, anguloso, melancólico, cabelos de palha, pescoço esguio encaixado em duas cavas no pequeno decote; Sílvio, irmão de Lenita e Luís, seu amigo, e professor do mesmo ginásio, rosto neutro, cabelos castanhos sempre bem assentados, tímido, ensimesmado. À direita: Sra. Miranda Campos Fontoura, filha de Nani, cinquenta e cinco anos de calma na apatia de um rosto não muito envelhecido, de partos felizes, de afeições serenas, com um vago brilho de quem sempre desejou estar do lado de fora, mas nunca pensou em dar um passo para a porta; Enéas, seu filho também, e de Albino, filho mais velho, trinta e cinco anos vivos e vitoriosos de bacharel afortunado, de banca rendosa, de demandas opulentas, e a mulher, Malu, Marta Cavalcante Foutoura, pacata expressão doméstica no reclinar a cabeça, como quem pede apenas uma almofada e um beijo para dormir um sono indiferente; Labieno de Miranda Campos, outro filho de Nani, quarentão equívoco, de voz pausada, grave, mas algo acetinada, inçada de modulações enfáticas, crítico de artes plásticas e secretário de revista especializada, quase calvo, manifestação de adiposidades no queixo arredondado, e gestos de quem passa o dia sobre tapetes espessos; Vânia Fontoura, irmã de Albino, quarenta anos, cabelos de um castanho meio alourado, pele de indolência ao sol na praia, desquitada, bonita, movimentos desenvoltos. À sua

frente, Nani, com o copo entre os dedos e os lábios repuxados na antevisão do gozo. E ele, Nehemias Goldenberg, trinta anos completos, atribulados, professor de história, inconformado, inquieto, trazendo nos atos o desespero das causas ignoradas, e a serenidade das já perdidas; cabelos nem claros, nem escuros, dois olhos, uma testa, um nariz, (ilusão a linha reta e clássica do encontro das sobrancelhas descendo para o lábio?), uma boca, um rosto, duas mãos, duas pernas, um tronco, um abdômen, e um membro entre as virilhas. Nehemias à força de abstrações constantes já os tinha imobilizados apesar de nada refletir sobre a mesa o processo de captação de estágio anterior. Entre as mãos que se estendem, que cruzam facas e garfos, que erguem os copos esverdeados, ou perpassam de leve o guardanapo nos lábios, o grupo estático de suas intenções. O próprio organismo se ressentiu um pouco do esforço dispendido, já que não ficara alheio à bebida, mas a determinação injeta-lhe sucos vitais e excitantes internos reanimando as artérias e os músculos, equilibrando duas tensões. A mão esquerda conserva o garfo, a mão direita estacionou o corte da faca, e deixou-lhe a lâmina encravada na fatia de leitão assado. E com o impulso recebido está prestes a prosseguir na inversão dos fatos, na captação de fluxos perdidos, na reconquista de um instante, apenas, que lhe possibilite sopesar argumentos estratificados.

- São muito simpáticos os judeus, muito simpáticos. E um senso político extraordinário. Marx e Rotschild, Disraeli e Bernad Baruch... Senso político extraordinário. Têm o mundo nas mãos. - Na boca que agora mastiga, os lábios apenas justapostos e oscilando com o período de contato dos molares, Nehemias revê a primitiva articulação e renova o gesto bem falante de Luís. O cerimonioso do tom, a frase claramente articulada, a vacuidade dos recursos habituais, (governam-se assim os povos?), o empolamento dos nomes arrevezados, eis a compreensão. O afago com sabor de irônica palmada, mas que em hora de definições, ou de posição em perigo, tombará como rija paulada.

- Grandes financistas, empreendedores! - Em que lucros te foram úteis, ou em que trapaças conseguiste ludibriá-los. Se por ventura, Albino, se por ventura sofreres algum dia o golpe nesse gum que lhe pareça decisivo. E veio à tona a suma de milênios, a cristalização grosseira mas eficaz de tantas escolásticas. O constrangimento provoca ligeiro hiato. Todos como que se dobram à espera de um aparte, de um movimento que sirva de pretexto para escamotear a resposta. E o sim ou o não poderia ser dito por qualquer um, mesmo por ele, Nehemias. Valeria a pena? Sobrevem-lhe reminiscências atávicas de temores ante a procissão da Semana Santa de além-mar. O dia condensado em ódio a idéia feita verbo, sim

e ação. Alquimia brutal e objetivar o resgate de carne, a despertar as garras que todos nós já tivemos algum dia. E ali findam as querelas teológicas, ali se resume o corolário de montes de proposições deontológicas, ali se fecha o sorites gigantesco: sangue.

- E que obras geniais não inspirou sua morte. Michelangelo, Rouault...

Ironia ou evasiva? O tom macio da frase carrega o ambiente com laivos de sordidez oculta. Labieno fixa os olhos em Nehemias como à espera de um gesto de gratidão pela finura com que contornara o silêncio repentido. Risos e talheres atestam o desafôgo da mesa ante a saída meio imprópria, mas espirituosa. Nehemias encara com Labieno e enfrenta-lhe a intenção não revelada. O vinco dos lábios mantém ainda o sorriso meio velado, cheio de subentendidos que não escaparam ao outro. Daí a repulsa maior. Nomes assim lançados, com que pretexto? Não queria generalizar, mas a tempos já o irritavam aqueles nomes, ou semelhantes, pronunciados com arroubos nervosos. Mais do que entusiasmo via a carapaça de erudição sobre o fim sempre idêntico: animal e sórdido. Sacudidelas estabanadas diante de um fenômeno que não lhes ultrapassava a epiderme; agitação febril sem o sentimento verdadeiro do peso na emoção, sem o golpe do drama na tentativa mais arrojada: apenas vibração externa a mascarar um plano marginal, estéril, cínico, nada equívoco. Inútil debater a tese quando a face se torna neutra, e a mão de Labieno comprime as pontas do guardanapo à boca.

- O sr. Nehemias nem parece judeu. Gostou tanto do leitão. - Malu sorri-lhe com a indulgência de quem socorre o necessitado, enquanto Enéas, o marido, aprova o bom-senso da mulher naquilo que chamaria de ação contato, captando a simpatia do estranho. Mas o sorriso se desfaz ao não perceber na feição de Nehemias acolhida para o elogio. Fosse um pouco mais polido e teria feito um gesto de agradecimento. Mas a hipótese sobre a condição dessa gente linda lá não se sabe de onde subtrai-lhe o prazer de tal delicadeza. Outra coisa não seria de esperar.

- Oh... o sr. Nehemias é evoluído, não é verdade? O essencial é a fidelidade no espírito, na fé... na tradição.

Em outra ocasião responder-lhe-ia com outros acenos, e veria com outras emoções o belo perfil, a pele queimada, os olhos de ternura, a linha vertical do pescoço e o arqueado regular das espáduas. Os cabelos rescendendo essências tonificantes, a boca um pouco larga,

mas franca, um nada agressiva, na modulação de secretas harmonias. E poderia, à meia voz, sussurrar-lhe um meigo: “tolice”. Sobravam-lhe ímpetos e palavras. Agora, porém? Vânia surgia na vulgaridade das frases-feitas, do afeto mecânico de bar em penumbra, de três pensamentos moídos e remoídos diariamente antes de se espojar em algum recanto. Sentia-lhe o interesse momentâneo. Havia algo de exótico nele, uma variante na monotonia de tipos idênticos. Viu seu gesto gracioso ao assentar o cabelo na nuca, e a mão pousar de leve na sua. Conteve-se.

- Um pouco mais de vinho, minha filha!

Nani pedia vinho. É em Nani que Nehemias fixa os seus olhos enquanto os outros continuam a palestrar como se nada ali fora alterado, é em Nani que tenta surpreender a centelha de amparo, algum apoio, se há apoio, resposta, se a houver. É em Nani, alheia, caduca, estranha a qualquer lógica absorta no vinho, é em Nani que deseja surpreender o ódio total sem subterfúgios, na integridade de sua demência. Vê nela essa continuidade, histórica que não admite frases de acomodação, essa consciência formada, inteiriça, que não possibilita revisão, ou dúvidas, insensível ao sinal mais concreto de sua falência, porque tem a verdade absoluta. Há em seus dedos reminiscências de intolerância medieval e a determinação da mais rígida política contemporânea; há em seu polegar o impulso de tetrarcas ante o vencido na arena. Nehemias sabe que de nada valerão palavras quando o polegar se abater. E Nani sorve o seu vinho.

Na parede um crucifixo. Os olhos entreabertos, uma sombra serena sob as pálpebras, os lábios quase cerrados. Os braços e as pernas distendidos e encravados na cruz. O ventre, contraído, rugas na linha dos quadris, e a musculatura tesa das coxas. Nehemias observa-lhe os cabelos longos, dispersos sobre a fronte, a barba anelada, bi-bartida em volutas, no meio do queijo.

De ti viria a resposta? Humano ou divino, morres constantemente pela nossa vida, e nós morremos sempre a tua morte. Teu apóstolo maior vislumbrou a simbiose eterna, quando, querendo justificar-nos e salvar-nos, talvez, plantou a semente de nossa abjeção na nossa simples presença como testemunhas e penhores da remissão global. Tu e eu vivemos a perpétua morte e ressurreição pelos séculos afora. Quando teus servos mais dedicados, e dedicados ainda mais a outras inspirações, se aprimoram no zelo: morremos. Quando outros mais brancos, cuja ternura não se desvia da hiena ou do celerado, acolhem-nos com

benevolência: vivemos, marginais, odiados, e temidos ainda que na mão não nos reste outra arma senão a última moeda de um saque com o beneplácito de alguém que o deu em teu nome. Profeta, extraíram-te a quintessência de tua visão do mundo, e com ela forjaram a maior era do pensamento em ebulição: a Idade-Média. Mas de tua vida guardaram o instante em que agora estás: de agonia. Sobre tua agonia balizaram o universo e teceram estandartes, e em nome dela, quando a ira de tantos coroados pedia um lenitivo, lá estávamos nós. E que culpa temos, se quando te procuram na feição mais primitiva, no hábito mais ordinal, nos encontram sempre? Se o lamento de Jeremias antecedeu o Sermão da Montanha, se o libelo de Amos precedeu a resposta sobre os direitos de César? E veio o hábito depois, e mesmo aqueles que já não se lembram dessa agonia, e nos vendo, lembram-se que por ela muitas vezes morremos: e nos matam. E desse equívoco gerado em mil anos, quando sairemos, tu e eu?

Sílvio serve-lhe um pouco mais de vinho. Nehemias agradece, voltando a atenção para o prato. Impulsiona a faca, corta a fatia e trinca-a, acompanhada de um gole. À sua frente, Nani emborca o cálice e estende o braço autoritário.

- Mais um pouco de vinho! Hoje é Natal!

5.1.5. ESTÃO MESMO VERDES AS UVAS (BÉNI SOIT QUI MAL Y PENSE), POR SAMUEL RAWET

Como certas pessoas, certas palavras nos apresentam de saída sua face ambígua. A palavra Escatológico, por exemplo, é uma delas. Certos assuntos tratados por certas pessoas têm o mesmo caráter inicial. Ou a matéria é bem sabida ou o caminho escolhido é o da embromação. Mas como negar já é uma afirmativa bem sólida, há um outro caminho, um pouco mais ameno, resvalando às vezes, quando possível, para um riso mais ou menos autêntico, perfeitamente defensável a ignorância. Se todos pudessem recorrer à franca prosa local, rabelaisiana, sem incorrer na ira dos deuses!

E é com o argumento da ignorância, à maneira de clown meio desastrado, de quem não chegou a aprender a capoeira, mas já levou algumas rasteiras, que me intrometo em assunto sisudo. É um modo de afirmar. É talvez no ato da afirmação, no instante mesmo, possa chegar à conclusão de que está tudo errado. O que já é uma conquista.

Max Brod no longo estudo sobre Heine detém-se um pouco na ironia e no desequilíbrio do poeta que, quando menos se espera, sai do assunto que garbosamente vinha desenvolvendo, e derrapa no humor. Como essa derrapagem de há muito me interessa, ou mais exatamente desde o dia em que li o conto de Origenes Lessa, “Shonosuké”, creio não estar fora do foco lembrá-la agora. Além de que o problema do riso é um velho problema, e sempre esteve ligado com a literatura. Dizem os entendidos que o mais difícil é fazer uma boa comédia. Desisti de aprender o assunto ao ver tantos rostos risonhos durante o dia e a impossibilidade de captar exatamente a motivação. Há risos interessantes, risos inteligentes, risos idiotas, há mesmo gargalhadas estridentes, vamos ao lugar-comum. Lembro-me de uma história de uma senhora de minhas relações que até hoje me intriga. Numa conversa com alguém que deveria possuir determinados atributos para o cargo que exercia, me referi à intenção de estudar filosofia manifestada pela mesma senhora. A resposta foi uma gargalhada. Confesso que gostaria de compartilhar o bom humor do outro. Mas até hoje não consegui atinar com o mecanismo que desencadeou tamanha tempestade. Burrice minha, provavelmente. Nem primeira, nem última. Talvez provenha de uma tradição velhíssima que alia o estudo da filosofia com um certo número de conhecimentos altamente científicos, ou talvez de alguma outra tradição mais remota e

mais profunda que exigiria testes vocacionais para estudos dessa natureza. Mas ainda dentro da linha do clown desencavo algumas reminiscências de leitura meio confusas, e me lembro da existência de alguns tipos de conhecimento e experiência um pouco fora desse reino absoluto da verdade que em certos casos se resume a três fórmulas decoradas com a unção de um padre-nosso. Jaspers no ensaio sobre Van Gogh faz referência a certos estados de misticismo passageiro que costuma encontrar com frequência na esquizofrenia. Naturalmente o caso vulgar não lhe interessa. Van Gogh é um gênio. Eu me pergunto se é permissível fazer uma pausa exatamente sobre estes estados passageiros de casos vulgares. Sua breve duração é sintoma um pouco mais grave do que se supõe? Naturalmente o homem encarregado da cura trata urgentemente de chama-lo à realidade. E a realidade é o preço das cenouras. O que não deixa de ser verdade.

O interesse com que o ocidente vem recebendo o zen budismo (literatos, místicos, psicoterapeutas – isto é quase um palavrão –) me faz pensar no passadismo, que eu não conheço, mas que foi muito bem estudado por Buber. E me sugere que seria possível começar a ensinar filosofia no curso primário, por exemplo, e começar com a metafísica, a metafísica como a ciência do cotidiano. Como estes assuntos são interessantes apenas como divagação, e interessantes de perto a literatos, sugeriria, por exemplo, que outros assuntos até agora estritamente ligados à moral fossem estudados sob outro aspecto. O homossexualismo, por exemplo, encaro como esquizofrenia fundamental, sem as implicações mitológicas e eruditas que contrabalançam o riso e a piada de café? E esquizofrenia como é definida por Bleuler. Divisão que talvez remonte a uma origem um pouco mais remota, e mais próxima, do que a sugerida por mergulhadores dos abismos em prato raso.

Talvez o problema seja de coragem. Mas corajoso por enquanto é certo poeta que oficializa seu romance com uma datilógrafa sem romper com a mulher.

Há um momento em que a raposa da fábula não desiste por despeito. Tem razão absoluta. É quando as uvas estão mesmo verdes.

5.1.6. ESPERANDO GODOT, POR SAMUEL RAWET

A necessidade de renovação técnica do teatro, imposta no último século pela estrutura industrial que transformou o palco em devorador de autores, exigindo deles uma produtividade com recursos limitados para um consumo específico, assume pouco a pouco as feições de um desespero ou angústia que não nos possibilita a previsão da fecundidade a que os recursos empregados possam conduzir. Diante da liberdade máxima parece-nos quase ridículo os esforços de antepassados, bem recentes, para superarem preconceitos mínimos, ou introduzir no jogo um detalhe que nos serve hoje para caracterizar-lhes o período. E isto, mesmo com as determinantes históricas presentes em nosso espírito, afastando, desse modo, qualquer possibilidade de erro por ausência de perspectiva temporal. Pouco importa já, se, acesas as luzes, a rede de pesca tem uma existência real, ou é ilusão de cores e traços, se a ideia de mar nos vem através de complicado mecanismo de ventiladores, tubos e panos estofados, ou apenas sugerida por uma corda impulsionando uma linha sinuosa de ondas na boca do palco. Pouco importa a sala de estar, com detalhes de quadros e tapetes e lareiras, ou uma esquadria suspensa à meia altura, uma cadeira, e um foco de luz. Pouco importa a sucessão de gestos da atriz, ou o ritmo vocal do ator. Pouco importa a arena junto à colina com arquibancadas, ou a sala em penumbras convergindo para três paredes e um teto. Orestes e Electra desfiarão sua história com as roupas que Alfieri lhes deu. Antígona aguardará, com suas calças negras e justas, seu suéter a modelar-lhe os seios, seus cabelos revoltos de *maquis* suicida, a sentença de Creon. Hamlet dirá seus monólogos de *smoking* e copo de uísque na mão, sob galhadas de folhas metálicas de Calder, oi, negro, mandará sua Ofélia, negra, para um convento, em ritmo de *blue*.

Liberdade suprema com os Mestres, que em nada alterará o núcleo emotivo imaginado, e não conseguirá deturpar a autenticidade humana dos conflitos. Supermarionetes ou homens, cena à italiana ou “orquestrada”, o terceiro ator de Sófocles ou os ruídos externos de Tchekhov, permanecerá sempre o texto-essência, e a necessidade, ainda que torturante, de comunicar algum sentimento. Comunicar. Afastar-se, mesmo, a hipótese de um contato mais íntimo, de um contágio provocado pela aglomeração de presenças, de uma comunhão, quase no sentido místico. Todos os elementos são válidos, hoje, para atingir esse fim. Mas cairemos no vácuo se esses elementos forem empregados

exatamente para chegar ao oposto: a impossibilidade de comunicação. Se antes possuíamos o drama de consciência se desenvolvendo de fora para dentro, hoje temos o inverso, ou nem isso, mas apenas a consciência atuando lucidamente, ou, em caso externo, um mecanismo mental automático. E a questão consiste em determinar, nos recursos empregados, do que há de puro artifício ou o que se integra como renovação no desenvolvimento do drama.

Ibsen não foi malabarista, e tampouco o Priandelo de “A Vida Que Te Dei”. Sob a desagregação de “Seis Personagens...” é fácil distinguir a pirotécnica habilmente manejada pelo gênio do autor. O lastro que deixa, porém, é apenas a aventura ideológica e cerebral, que opõe a NORA, a sra. FROLA. Raramente a renovação se afirma com tanta unidade como em “A Morte do Caixeiro-Viajante”. A adequação da técnica é comunicar. Talvez seja essa peça o único resíduo definitivo desse esforço renovador. O artifício integrou-se na ideia, sendo impossível destacá-lo.

O problema se torna mais agudo quando a tentativa é de mergulhar na própria lucidez, fragmentando-a, desagregando a lógica de uma sequência linear de pensamentos, e isso, sem a intenção do feérico ou da fantasia, que tudo permite. E a liberdade não é a do sonho, mas a da vigília aterradora. Liberdade com asas de chumbo e os pés atados pela condição humana. Nesse sentido, Sartre não foi muito longe com o seu “Le Diable et le Bom Dieu”, e Camus, com “Calígula”, permanece com o homem desesperado que nos encara fixamente e diz, na maior lucidez: “estou desesperado!”. A aventura de Samuel Beckett ultrapassou o plano racional. Se n’ “O Processo”, de Barrault-Gide-Kafka, já se patenteia essa intenção, suas amarras com os elementos do cotidiano não o levam ao delírio puro. “Barrabás” de Ghelderode traz a carga de um mito de dois milênios, integrado em todos nós. “Esperando Godot” se afirma pela anulação, pela redução cerebral e consciente do drama a um vazio prenhe de intenções. E não há aqui nenhum desejo de oniromancia. O sentido de cada um dos elementos apresentados dá ao espectador de si mesmo, na tazon direta da capacidade de despertar *ideias*¹⁶ que a personagem provoca. É um problema de esforço mental, ou de gosto, pelas sutilezas do raciocínio qualquer interpretação de POZZO, LUCKY, ESTRAGON ou VLADIMIR. GODOT, GODOT, quem será? Deus? A

¹⁶ No texto impresso no jornal foi apresentado a palavra “*idáias*”. Acredito seja um erro de digitação, portanto fiz a correção e inseri na transcrição o termo “*ideias*”.

palavra oferece recursos mágicos para estranhos elocubrações, ainda mais quando o autor emprega como artifício o esfacelamento da frase, a repetição mecânica do vocábulo solto no espaço. É este o aspecto mais importante. É a engrenagem mental com poucos momentos de encadeamento lógico. É a simplificação ao extremo. Numa paisagem marcada por um tronco desfolhado, um dos símbolos mais impressionantes nessa aventura do viver, homens, (?), falam aparentemente a mesma língua, sem chegar, quase sempre, a um entendimento. A melhor imagem que nos ocorre é a das linhas cruzadas telefônicas. Lugar-comum, que bem se adapta a esse outro, que forma toda a carapaça ideológica do homem moderno, e que gerado em estranhas fábricas foi-lhe imposto como excrescência vital. Imaginem dois surdos bem falantes em mesa redonda. E Beckett conseguiu realizar o seu plano, maravilhosamente, com a força diabólica do indivíduo que mata a emoção. LUCKY nunca desperta em nós migalhas de piedade. Eis a vitória do autor. “Esperando Godot” é a máquina de moer carne, e a carne somos nós. Se nos falta essa vocação de ser torturados, o melhor é sair do teatro, sem o consolo de recuperar o fio com a leitura da peça, porque a sua verdadeira materialização é ali mesmo, no palco, vivendo e morrendo no tempo físico, exato, da representação. “Esperando Godot” vive e se devora, como teatro, em calma autofagia. É o penúltimo degrau no caminho da anulação. O último seria uma paisagem sem árvore e sem homens, o encontro do telão com o soalho do palco dando a linha do horizonte, e o espectador sentado, aguardando, aguardando. Vitória do autor, Morte do teatro.

5.1.7. A MARGEM D' "A MANDRÁGORA", POR SAMUEL RAWET

Já mestre Thomas Mann advertiu na personagem de Aschenbach que nunca se procurasse conhecer a origem de uma página de escritor, ou as condições que terminaram seu aparecimento. A decepção, no mínimo, acompanhará a descoberta, se não for outro o sentimento. A obra-prima de Maquiavel, agora muito bem encenada pelo Arena de São Paulo, desperta um desejo de rever outras peças em que a figura do marido traído apareça, não como usualmente nos triângulos de toda espécie, mas como vítima de algum equívoco ou ilusão, o que às vezes é mais trágico, ou mais grotesco. As lembranças são fracas e a ignorância muita. Ponderável o caso de Anfitrião, que hoje já deve ter atingido a casa das centenas, e, bem mais ponderável este fabuloso "Le Cocu Magnifique" de Crommelynck que se não me engano ainda continua inédito em nossos palcos, numa tradução brasileira. E o "magnífico" era praticamente um anjo. E ainda a personagem de "Perdoa-me por me traíres"* de Nelson Rodrigues, que numa centelha de frase parece ter ido muito mais fundo que tantos mergulhadores de abismos.

A acreditar no Maugham de "Maquiavel e a Dama" a verdadeira história da Mandrágora é um pouco diferente, e não sei se isso interessa a quem procura no texto infra ou superestruturas. Tenho a impressão que não. Se Maquiavel interessou-se ou não por certa dama e utilizou todos os recursos para cativá-la, se nesses recursos não corrompeu quem apresenta como corrompido, tudo isso talvez não interesse. Nem mesmo saber que o produto de tantos trabalhos e artifícios foi cair nas mãos de seu jovem secretário, que como personagem de fábula que não sei se existe, ficava debaixo da árvore agitada pelos que o insultavam a aparar com a boca os frutos que caíam.

A acreditar em Maugham ou em quem se inspirou, o resultado dessa frustração seria essa obra-prima. Bendita. frustração! Mas depois da gargalhada que descarregamos sobre as tolices de Messer Nícia, ficamos ainda um verme a roer para saber de verdade, quem saiu vitorioso em toda essa farsa. E com espanto concluímos que Messer Nícia foi o grande vitorioso, o único sério nessa trama armada por Calimaco, Siro, Ligúrio, Sóstrata, Frei Timóteo. A pura e simples verdade é que Messer Nícia desejava um filho que não podia ter, e como bom burguês depois de afetar uma série de princípios, valores e atitudes, acabaria aceitando a solução mais prática, que tanto num confessionário como

numa mesa-redonda de autocrítica receberia o beneplácito de intenções. Creio ser essa a principal característica de Nícia. Seu objetivo é claro, sua impossibilidade evidente, porque não se prestar ao jogo cujos participantes tinham o maior interesse em conservar o segredo; porque não agir como bom burguês e suportar um ritual de encenações necessárias. Hoje talvez apelasse para a inseminação artificial, ou adotasse alguém oriundo da Casa dos Expostos, o que naturalmente é bem mais limpo e moralmente muito mais digno! Ou qualquer outra solução que não nos ocorre agora, mas que não deve estar muito distante das virtudes da mandrágora, que tanto riso despertam na plateia. Aproveitamos algumas informações de Mário da Silva, no prefácio à sua tradução brasileira. Transcreve o autor um trecho do Dictionnaire Infernal de J. Collin de Plancy, em que há a descrição minuciosa de um modo de se obter certas mandrágoras maravilhosas. A que era regada por urina de cão, por exemplo, mas que provocava a morte de quem tentasse arrancá-la. O expediente é fabuloso para fugir a tal perigo: amarra-se uma corda no pescoço de um outro cão que, fustigado arranca a raiz e, naturalmente, morre. Pode agora qualquer feliz mortal apoderar-se dessa maravilha que lhe será de imensa utilidade. Desconfio que há no título uma sugestão bem mais interessante do que a hipotética história apresentada. Mais antes, bem antes, parece que alguém disse qualquer coisa a respeito: “bem-aventurados os pobres de espírito...”.

Como tantos outros, Maquiavel caiu na própria armadilha; saiu pela tangente, salvou-se pelo sonho, e hoje à Rua Guicciardini n.º 16, à margem esquerda do Arno, entre o Ponte Vecchio e o palácio Pitti, sua sombra deve estar sorrindo de boa parte dos que o aplaudem.

5.1.8. ANTONIONI – LUZ E SILÊNCIO, POR SAMUEL RAWET

Parece incrível, quase, constatar que a grande conquista de Antonioni na época de requintes do cinema falado, de superscopes, estereofônicos e outras sutilezas de ilusão, parece incrível verificar que a sua grande vitória é: luz e silêncio. Diante da trilogia do mestre italiano chegamos mesmo a duvidar do cinema mudo. Será que existiu? Temos agora a impressão do que diante dele a ausência de trilha sonora há mais de trinta anos produzia mais barulho e estardalhaço do que um moderno sistema de seletores e ampliadores de sons.

O silêncio em Antonioni não é contingência, é conquista; não é ausência de ruído, é anulação física ou mental do ruído. Suas figuras se movem em zonas de silêncio, e as intermitentes incursões no mundo do som não lhes altera a capacidade de absorver silêncios. Inútil barafustar ideias à procura de uma solidão maior, angústias, etc., o que permanece é a necessidade de não se deixar contaminar pelas cinzas de um diálogo inútil, ou pelas sugestões de um silvo de jato, que nos céus quase sempre neutros e sombrios é apenas uma linha de luz, ou de fumaça, se quiserem. Há outros silêncios admiráveis no cinema moderno, os silêncios de Bergman ou de Bresson ou de Resnais, talvez.

Mas ainda aqui uma constatação. Fala-se muito na qualidade de romancista em Antonioni. Mas é bem possível que ele o seja menos do que os três acima citados. É bem possível que nem seja nem pretenda fazer romance no cinema, mas «apenas cinema. E à exceção de algumas sugestões, ainda assim não verbais (ex: o livro perdido no salão espetacular de festas de A NOITE é um romance de Broch: *Os Sonâmbulos* – e o título talvez sirva como sugestão remota para observar as personagens de Antonioni) é ele o menos literário de todos, apesar das aparências.

E com um segundo elemento que nos parece fundamental, luz, quase que se esboroa o tão falado intelectualismo do diretor. A impressão que se tem é que ele conseguiu cristalizar todas as experiências anteriores experiências de fato, e foi um pouco mais longe do que Resnais em MARIENBAD. Talvez, porque prescindiu da colaboração de um romancista. O que se consegue em Marienbad de encantatório quase com O lado verbal, desaparece aqui. Há mármore, corredores, estátuas, corredores, mármore, portas, vidros, paredes, vidros, portas, mármore, corredores, sem que alguém nos venha comunicar sua

existência. Apenas à saída fica-nos na lembrança o registro de alguns retângulos divididos quase sempre por poucas retas, e em cada divisão uma gradação de luz nitidamente marcada, mármore, vidro, ferro, tijolo, um quadro dentro do quadro, etc.

Um quadro dentro de um quadro até a fusão total em que o primeiro se transforma numa materialização do segundo. Sentindo espaçadamente em A AVENTURA chega a quase saturação em O ECLIPSE. Poucas vezes o branco foi marcado com tanta nitidez e dureza, poucas vezes sentimos a crueza de uma fachada branca de igreja ao sair de um beco penumbrento. Os objetos se desenham com nitidez à nossa frente e se oferecem na sua qualidade de objetos, envolvidos em silêncio. Mas um silêncio feito de ruídos, ruídos que às vezes são palavras, mas ainda assim dispensáveis como palavras, já que se esfumam numa repetição monótona ou se perdem num fundo em que o essencial não é propriamente a compreensão, mas sim o ruído, magnífico ruído gerador de admiráveis silêncio*.

Dentro da luz e do silêncio suas figuras caminham o se chocam com árvores, tijolos, água empoçada, torres, automóveis, aviões a Jato, edifícios, principalmente edifícios em A NOITE E O ECLIPSE. Fachadas e cômodos internos. Objetos mais ou menos idênticos cercam figuras mais ou menos idênticas em atmosferas idênticas, às vezes tem-se a impressão do que as personagens acordam de sua condição de objetos, mas a ilusão se desfaz, e voltamos a um retângulo, retângulo de um cinza carregado com um círculo branco no centro. O círculo se amplia. A saída do cinema nossos pés transitam de um tapete para o mármore polido, nossos rostos se examinam numa parede que é um espelho, e. recebemos de cima uma luz dispersa através finas placas de acrílico. E caminhamos. Outros caminham também.

5.1.9. WU, POR SAMUEL RAWET

Não sei até que ponto o ressentimento, o despeito, o interesse ferido, não sei até que ponto a causa pessoal em jogo inutiliza um argumento. Não sei até que ponto a dor própria precisa se anular para tornar válido um reparo, ou mesmo um pouco mais, um ataque; não sei até que ponto o entusiasmo de uma revolta diminui o coeficiente de verdade.

Dois anos e meio de experiência psicanalítica me sugeriram repentinamente e, após alguns episódios meio grotescos que poderiam beirar o clima da chantagem, e que me deixam divagar sobre as possíveis relações entre certos problemas policiais e patológicos, me sugeriram a vaga ideia de uma falência de uma terapia. Ousada a ideia, pretensiosa, delirante, talvez. É possível. Ou exagero, confusão entre o método e o indivíduo que aplica esse método. É possível também. Mas o próprio clima vivido e a possibilidade de uma tal confusão me levam um pouco mais longe, e como tudo isso provavelmente não passa de uma digressão pretensiosa de quem nada entende do assunto, posso me dar ao luxo de extrapolar certas conclusões.

A comparação entre número assustador de obras de divulgação e especialização e a prática no dia a dia me deixou um sentimento melancólico de inutilidade. Vive-se um universo de frases, de catálogos, e de termos especializados inteiramente alheio ao fenômeno bruto e concreto da doença. “As pessoas lutam com o vocabulário da patologia, consolando-se com a terminologia das *neurosis* e *psicosis*”. A citação é de mestre Jung na “Introdução ao Zen-Budismo” de Suzuki, citação que parece entremostrear um cansaço e uma desilusão no fim de uma existência formidável, e que mais uma vez confirma a hipótese de um ciclo inevitável de inutilidade diante da imensa estupidez humana, venha de onde vier. As catalogações, as classificações, os esquemas, os testes, o vocabulário, tudo isso pode sugerir também um clima idêntico ao dos fantasmas medievais. E prefiro, atualmente, acreditar em fantasmas, ao verificar que para tantos sábios o problema moral anda bem baixo, não ultrapassa as virilhas.

Diante da massa de volumes e do número de correntes em choque pode alguém ousar a seguinte pergunta: e se tudo isso está errado? Devo confessar que os casos de sucesso não me interessam, são mais sintomáticos os outros, os de fracasso. E se tal cura milagrosa

provém de outra coisa que não a explicação de que se pode duvidar? Ainda me lembro do impacto causado por uma notícia da existência de um livro de Martim Buber, em que se estuda a relação concreta Eu-Tu, com todas as implicações e interações possíveis. Ainda me permito outra divagação sobre uma possível cura por motivos inteiramente ignorados pelo paciente e médico.

Um pouco menos de psicologia e um pouco mais de educação! Ouvi essa frase em algum lugar, não me lembro bem onde. O diabo é que para muita gente educação se confunde com uma série de rituais como por exemplo dar bom dia, assoar bem o nariz ou oferecer o lugar a uma senhora num bonde. Meu Deus, até os bondes já vão sumindo!

Olho alguns livros procurando com a usual e boa vagabundagem pelas livrarias, e me ocorre um poema também de autor ignorado:

*Seria belo o mundo
sem a estupidez humana.
Seria belo!
Seria mundo?*

Nomes, nomes, alemães, búlgaros, turcos, italianos, a própria nomenclatura vai perdendo o sentido e vai tomando caráter pejorativo pelos que a empregam, e entre esses nomes o ser concreto se estilhaça num mar de divagações. As tendências são profundas, cada vez mais profundas, o monte de sutilezas se acumula sobre um oceano de profundidade: útero, feto, canibalismo, estruturas, complexos de Jugurta e Paramaribo. Desconfio que o trabalho de Jacques Maritain sobre o “Pecado do Anjo” talvez possa trazer contribuição melhor, e tem a vantagem de oferecer em nota de pé de página uns trechos em latim que eu não entendo, mas que têm sempre um poder verbal encantatório: “*Diabolus non sentit se esse male, quia culpam suam non apprehendit ut malum, sed...*”. Naturalmente perto desses assuntos a situação miserabilíssima de ignorância própria de estupidez alheia, de sordidez ambiente e revolta justificada desaparece.

Entre a prática medieval da terapia de choque e as finuras da análise deve haver uma palavra que eu não sei bem qual pe. Mas deve ser a mesma da anedota contada por Jung no prefácio ao livro de Suzuki: “Um monge, certa vez, perguntou: “Um cão possui também natureza budista?” ao que o mestre respondeu: “Wu”. Suzuki observa que este Wu

significa apenas *Wu*. Obviamente seria o que o próprio cão teria dito em resposta à questão”.

Enquanto vou à procura deste *WU*, e observo no Zoológico um animal interessante denominado Chacma, continuo empenhado na melhor das batalhas: a batalha perdida. Todos ganham.

5.1.10. AS AFIRMIDADES DELETÉRIAS, POR SAMUEL RAWET

Para aqueles que, como eu, não nasceram sob o signo do mandacaru, não se embevecem tanto com a flor do xique-xique, não têm os olhos marejados de lágrimas à simples lembrança de um pé de mangaba, para aqueles que não têm o hábito do chimarrão, nem o do caruru, e para quem a palavra cabrobó não desperta outras reminiscências além de uma colisão de consoantes, aqueles que além de apelar para a memória ainda precisam apelar para reminiscências de uma língua nunca aprendida, quando mergulham em certa ficção não têm outro jeito a não ser agarrar-se a um outro tipo de experiência: a experiência sonhada.

Por isso me deslumbro com certas afinidades, e nunca esqueço o encontro narrado por Werner Bock em “Momento e Eternidade”. Werner Bock foi à procura de Herman Hesse em seu retiro, e o que comunica não é bem o diálogo, mas as sobras, o halo da conversa, o que se adquire sem comunicação, mas como um impacto direto que só pode ser gerado por alguém cuja fidelidade não deixa margem à qualquer dúvida. Deixo de lado o fato de Werner Bock não perder seus ares de aristocrata prussiano ao mencionar Wasserman na relação dos escritores alemães que constituem o seu livro. Dizem que Wasserman não conhecia bem o alemão. Como sou meio analfabeto até em português, devo confessar que mesmo uma tradução, possivelmente defeituosa, bastou para me comunicar o que havia nesse romancista torrencial. Aliás, se não me engano, só há pouco tempo apareceu na França uma tradução completa das obras de Dostoiévsky. Tudo o que havia antes era defeituoso truncado, adulterado. E foi o Dostoiévsky defeituoso, truncado, adulterado que influenciou e despertou oceanos de páginas de alguns monstros da literatura francesa. A morte recente de Hesse me fez lembrar o encontro descrito por Bock. E me despertou outras lembranças, também. Uma vez, em uma outra existência conheci esse clima. Era alguém que falava numa tarde calma, e a voz era um sussurro quase, poder-se-ia falar em agonia. A frase lida era uma epígrafe famosa: “O que queres, Sibíia? *Quero morrer!*”. Nessa hora tive a impressão de que um anjo havia roçado sua asa no vidro da janela. Bock deixou a mansão e anos, anos depois Hesse morria suavemente entre velhos livros latinos e as mesmas nuvens, talvez, que eram utilizadas por Joseph Knecht nas suas horas de meditação numa cela de Castalia.

Existe em alguns um longo aprendizado da morte, longo de meio século ou longo de um minuto. Jones Rocha praticou esse aprendizado durante alguns séculos. Mas poucos, muito poucos se lembram de Jones Rocha. Era um rapaz meio chato que tinha a mania de querer soluções urgentes para o que era insolúvel. Outros não resistem ao aprendizado e se avacalham um minuto antes de morrer. É humano, é compreensível. Nem todos têm o poder de se comportar como aquele personagem de Hesse em “Breve História de Minha Vida”. Preso, chateado pelo carcereiro, desenha uma locomotiva e vagões na parede da cela e no último instante embarca no trem. Mas não lembro se viu a fumaça e ouviu o apito. E que esse aprendizado deve vir de longe confirma-o Eduardo Frieiro em artigo deste Suplemento de há quinze dias. *Não descendemos de Adão, nem de Abel. Em termos de literatura bíblica somos filhos de Caim*, afirma Frieiro ao comentar um livro que está fazendo sucesso no mundo: *Os Filhos de Caim* de Robert Ardrey. E há mais de um século Nerval, um homem que viveu o seu sonho, nos conta a história de Adoniram o genial escultor e sua descida ao Reino de Tubal-Caim. Mas o que é mais frequente não é bem esse aprendizado, é o contrário, e uma vida perdida por ilusão, por dar importância a um Sancho às avessas, boçal e cafajuste, e a um antiquixote, que ao contrário do Cavaleiro da Mancha, desprezando a bela loucura dos moinhos de vento, troca seus sonhos por uma arca de dobrões de Holanda.

Com o péssimo hábito de comprar livros e aprender por osmose, folheio o “*Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*”, de Gilberto Freyre, e não sei porque me fixo n’*O Recife de Hoje em Anúncios de Jornal*, e me distraio com um deles:

Consultório Médico - Transpasse-se o contrato de uma sala (aluguel módico) e vendem-se os móveis da mesma: bureau, mesa clínica, estante para livros, tudo em sucupira, balança de bebê, idem adulto, etc. Preço de ocasião. Negócio urgente.

Prengo numa opção... já resolvida. Não há opção. Compreendo melhor um gesto bucal de Graciliano Ramos, meio inexplicável, em relação a um certo poeta. E me consolo das afinidades deletérias participando de um culto há tempos instaurado aqui no Rio. É o culto a Jorge Luís Borges. Fausto Cunha é seu profeta, e Alexandre Eulálio o sumo-sacerdote. Segundo Os Teólogos, todos nós somos Juan de Panonia e Deus lá de cima nos olha com um profundo bocejo de indiferença.

5.1.11. UMA PENÍNSULA A LESTE DO PAÍS DOS RUJUKS, POR SAMUEL RAWET

Um problema que de há algum tempo para cá vem me despertando interesse é o da burrice. Naturalmente falo de experiência própria. Já tive crises de burrice tremenda, e em meio a tudo, alguma tolice, que é o sal da burrice. Dizem que quem é burro peça a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue. Como Deus e o Diabo são dois seres muito ocupados com problemas mais importantes, e abriga entre eles ainda não acabou, prefiro transportar o assunto aqui para baixo. Aliás desconfio hoje que a briga deve ter começado por uma ninharia. Deus um dia deve ter cometido uma injustiça, que também é um atributo divino, e Lúcifer foi atingido. Naturalmente Deus perdoou-lhe a revolta, mas Lúcifer não podia aceitar perdão por uma falta não cometida, e o ofertante se irritou. A vaidade ofendida naturalmente impediu até hoje um acerto na situação. Sobre a burrice muita coisa pode ser dita. Ainda me lembro de uma certa noite em casa de um amigo, em que um crítico hoje famoso discutia uma tese importantíssima: a necessidade da burrice criadora. Nunca vi tanta gente chamar a si essa grande qualidade. Talvez não tenha levado a palma no caso em questão. Mas ganhei bem no que diz respeito à burrice comum, palmar, cotidiana. Paguei o preço, desconfio, ou ainda vou pagar. E é por isso que hoje me interessa por uma península a leste do país dos Rujuks.

Como ponto inicial a burrice tem uma ligação imediata, concreta, com a ficção. Ambas participam de um certo deslocamento em relação à realidade, ambas utilizam os mesmos termos para fins distintos. Se a ficção ainda tem por meta, entre outras coisas, a satisfação de uma certa vaidade do autor, a burrice ao contrário tem um aspecto doloroso quando tornado consciente. Por isso merece um pouco mais de simpatia do que a *literatura imaginada*. Um outro aspecto da burrice é o humor implícito. A observação é tão banal que dispensa exemplos. Apenas ocorre uma hipótese: a necessidade, talvez de localizar o *disparador* do riso não no que comete a burrice, mas no que a observa. E colhem-se informações muito mais interessantes, muito mais reveladoras! Sem a capa da ironia ou do sarcasmo a burrice pode representar um salto no irracional, um modo de resolver certas situações dentro de uma lógica implacável que escapa aos doutores de certas leis, uma lógica implacável como a das crianças. Tudo isso faz pensar nos *cobles* de Simak e na série de

mundos coexistentes, de uma infinidade de esferas dentro da mesma esfera. Faz pensar numa mudança de plano e de espaço. Simples, como o salto para ontem, ou o coelho que sai de uma cartola que não tinha coelhos nem fundo falso.

Bem observada faz pensar num aproveitamento dos que possuem essa qualidade para certos fins específicos, além do de comer capim, naturalmente. Li em algum lugar uma notícia sobre o aproveitamento dos daltônicos na última guerra. Parece que devido ao seu defeito eram utilíssimos nos aviões de bombardeio. Certos disfarces certas ilusões, não contam para os daltônicos. Seriam interessantes testes como os de Stilling e Ishihara, mas é o certo que a maioria há de preferir o de Holmgren. São todos conhecidíssimos. Para certos indivíduos, ainda, a burrice funciona como uma espécie de anjo da guarda. Desperta insultos em todos os cantos, nas esquinas, nas ruas, nos ônibus, sob a janela do quarto em que dormem, atrás da porta em que fazem suas refeições. Os insultos, porém, podem se transformar em estímulos e os *cobles* de Simak entram em ação. E os *cobles* me lembram os cães de Simak, que ficariam ofendidos com a frase que me ocorre: à noite todos os cães se parecem, mesmo quando é meio-dia.

Ouvi falar numa península a leste do país dos Rujuks. Dizem que a burrice humana encontra lá sua expressão máxima. Duvido. Não acredito em concentrações maciças. Prefiro certas generalizações. Por via das dúvidas é para lá que pretendo ir assim que conseguir dar o meu salto de *coble*, e sair do círculo de carvão que tolhe o peru na sua barreira implacável. Aliás ir não é necessário, basta-me pensar na viagem, basta-me um pouco menos, sonhar por exemplo, com uma península a leste do país dos Rujuks. Heinrich Böll me entende. E levo uma vantagem. Posso dar com os burros nágua, que o resultado é o mesmo. E há muita coisa a aprender numa península a leste do país dos Rujuks.

5.1.12. GRRR!!!, POR SAMUEL RAWET

Certos críticos bem orientados clamam aos céus contra o que seria um abuso numa área da ficção contemporânea: o *abuso da angústia*. Pelo tom, e pelos modos, tem-se a impressão de que a angústia é um subproduto de alguma conquista contemporânea, muito vulgarizada e desvalorizada pelos que embarcam na canoa de Freud e outros Noés. Como se a própria inflação da angústia não fosse uma prova de uma outra coisa bem maior: a *angústia*. Como se o medo, o medo elementar fosse uma solução escapista para alguma dor de calo, ou colo. Como se alguma frase milagrosa nos despojasse de algum tremor numa sexta-feira, treze de agosto, à meia-noite, se por acaso passeássemos por alguma alameda de cemitério.

Há tempos, não tantos, pensei em alguma comparação de angústias. Angústias miúdas, enormes, passageiras, eternas, suaves, dolorosas, inúteis criadoras. Kierkegaard e pascal são exemplos de grandes angustiados. Também Santo Agostinho. Mas nunca ouvi falar de angústias em Spinoza. E no entanto, tinha um grande defeito, não exclamava; transformou sua ética em geometria, e dentro dela com a placidez dos que já atingiram, o *silêncio branco* fez a álgebra das paixões. Teria Marx conhecido a angústia?

*Les choses arriveront d'elles mêmes.
Quand mon silence les cacherait.
(Sophocle – O Édipe Roi)*

Isto é epígrafe de uma conferência de R. Barande intitulada “Essai Métapsychologique sur le silence”, publicada na *Revue Française de Psychanalyse*, Tomo XXVII, 1963, janeiro-fevereiro. Transcrevo em francês a epígrafe, bem como o trecho seguinte, para não derrapar em tradução:

“Il devient donc manifeste que dans l’histoire de la technique et de la théorie psychanalytique, après les deux premiers âges qu’on a pu appeler respectivement: l’analyse de l’inconscient ou du ÇA et l’analyse du MOI, se dessine actuellement une nouvelle phase axée, sur l’analyse du SURMOI”. Barande carrega forte no SUPEREGO do próprio psicanalista.

A releitura das linhas iniciais me apavora, e é bom que deixe patente uma certa *vigarice*¹⁷, produto de uma vagabundagem pela biblioteca da Maison de France. Vagabundagem que me levou a outra biblioteca, na Esplanada do Castelo, por trás da Santa Casa, e quase defronte ao restinho de terra daquilo que foi o Morro do Castelo. Uma biblioteca incrível. Descobri-a por acaso, se é que já é possível falar no momento em acaso. Na madrugada desse mesmo dia tive um sonho em que me apareceu uma fachada branca, que agora posso identificar como sendo mais ou menos o Instituto de Nutrição, e um rosto desconhecido trauteava um samba. Pergunto no sonho pelo nome e recebo como resposta um lacônico: A Burra. (Pena que nessa época não conhecesse o livro egípcio dos sonhos. Ser-me-ia útil). Como já perdi o hábito de explicar os meus passos descontraídos, a primeira coisa que fiz foi procurar o Largo da Misericórdia. É um prédio comum, vulgar, cheio de pequenos enfeites que até hoje ainda encontram admiradores. Havia um detalhe que provavelmente concorria para que não me interessasse por ela. A cara extremamente antipática do porteiro. Gordo, baixo, o rosto redondo e risonho, um cabelo puxado para cima e levemente ondulante, de um castanho claro quase alourado, de uma sabujice incrível (um dia já confundi o simples com o simplório), um andar ondulado de eunuco. Junte-se um pequeno detalhe: tem atrás do balcão, ampliado e emoldurado o “Se..” de Kipling, um roteiro autêntico para um perfeito poltrão. Mas segui meu hábito de acompanhar praticamente meus impulsos. E poucos instantes depois me vi diante de uma pequena estante num canto bem iluminado aquela hora, eram dez horas da manhã, e tirei um livro cuja lombada se destacava das outras. Era um volume novo, bem encadernado, de umas trezentas páginas, de autoria de um tal de Puttini, inteiramente estranho para mim, e gravado a ouro: *Enciclopédia Abreviada da Tolice*.

Confesso, agora, que não aceitei o fato assim de saída. Desconfio muito de muitas coisas agora, inclusive daquilo que tenho nas mãos. Como sou tremendamente influenciável, por livros e palavras, e por uma má-fé inconsciente sou de uma boa-fé incrível, conscientemente, (se é que existem o tal inconsciente e consciente), pensei de início que se tratava de algum truque mental devidos às leituras de Jorge Luis Borges. Essa história de descobrir bibliotecas que não existem, de localizar em outras, em alguma prateleira, um

¹⁷ Esta palavra no jornal aparece com duas letras apagadas (*vig*ice*). Contudo, inferi que talvez seja *vigarice* por conta do contexto e da silhueta da quarta letra que parece um “a”.

livro que é pura invenção, esses malabarismos de jogral de alto gabarito me assustam agora. Mas tive que me render ao evidente era a *Enciclopédia Abreviada da Tolice* de Puttini.

Antes algumas linhas sobre o autor do livro, fornecidas pela EBT na orelha da brochura (uma bela orelha, aliás, de uma bela brochura) que sabiamente foi conservada na encadernação. (Não gosto da capa. O desenhista foi extremamente infeliz, e primário. Abaixo de umas boas letras pretas em fundo azul claro desenhou a cabeça de um asno. Lugar-comum de péssimo gosto). Li a relha depois de folhear o livro. Só mesmo Puttini poderia escrevê-lo.

A *Enciclopédia Abreviada da Tolice*, apesar do *abreviada*, é o repositório mais completo que se possa imaginar sobre o assunto. Nunca supus que os casos e as possibilidades fossem tantas. E recebi com um pouco de humor a observação do autor que se limitou a registrar os casos mais conhecidos, abandonando cerca de 15.000 verbetes colhidos ao longo de seus anos de andanças e leituras. (O livro contém 2.345 verbetes). É um livro completo e quase perfeito. E é até com as devidas desculpas do autor, que me permito três observações.

A primeira se refere a Putifar, e dá como um momento de tolice a fuga de José. Estranho porque o autor naturalmente conhece a tetralogia (detesto essa palavra, parece-se muito com teratologia) de Mann. A segunda se refere à pouca precisão sobre as relações entre as palavras *porcos* e *marranos*. A terceira se refere a um desconhecimento imperdoável da *História Universal da Infâmia de Borges*. Concluí isto pela leitura do verbete *Billy the Kid*.

Para fugir das informações colhidas ao acaso, e quando o assunto é angústia, silêncio ou tolice, toda informação é boa, adapto uma fábula:

Era uma vez um lobo que foi beber água junto a um cordeiro num riacho límpido.

- Por que turvas a minha água, ó lobo? - disse o cordeiro.

- Como posso turvá-la, ó cordeiro, se após passar pela minha boca a água segue o seu rumo, e a correnteza vai de mim para ti?

Houve um longo silêncio. O lobo parecia refletir.

- Mas eu é que devia perguntar, ó cordeiro, por que turvas minha água! - disse o lobo.

Mas o cordeiro arreganhou os dentes, e engrossando a voz:

- Escuta aqui, ô velhinho, que é que você quer afinal?

O lobo parecia refletir. (Mais tarde soube-se que não refletia coisa alguma). O cordeiro engrossou a voz, e arreganhou os dentes:

- GRRR!!!

Finalmente o lobo deixou de refletir e devorou o cordeiro.

As fábulas acabam sempre do mesmo modo, a moral é que é diferente. Ou a mesma?

5.2. IMAGENS DOS TEXTOS ESCRITOS POR SAMUEL RAWET RETIRADAS

DIRETAMENTE DAS PUBLICAÇÕES FEITAS NO *CORREIO DA MANHÃ*

5.2.1. O BALANÇO, POR SAMUEL RAWET

O BALANÇO

Conto de SAMUEL RAWET

LEVANTOU os olhos. Diante d'ele uma turma de cincuenta jovens aguardava o inicio da aula. Fisionomias risonhas, dentes alvos á mostra, esboços de barba rodeando rostos infantis. Das moças, a maioria tinha ensaiado pintura. Talvez nem gostassem de matemática. E' tão pau. Um ligeiro murmúrio principiou a se formar após o silêncio forçado. Uma pancada com a régua sobre a mesa. Calaram-se. Pela janela filtrava-se uma claridade intensa. Um dia bonito principiava a se formar lá fora. Espiou. Céu claro. Nenhuma nuvem. Alguns galhos ao longe torciam-se ociosamente, batidos por uma aragem leve. A Natureza convidava para a Vida. E ele all estava, preso á uma cadeira, pelas costas um quadro-negro aguardando fórmulas, deducções, pela frente cincuenta alunos. Impossível!

— Teremos prova hoje!
— Professor! O sr. não avisou!
Fol em vão. O quadro hostil que se formou não o demoveu da idéia. Uma prova. Ele poderia pensar. Precisava pensar. Sentia no momento uma necessidade de dar um balanço em si mesmo. Uma prova. Três questões a ser feitas em uma hora. Bastava. Um reboliço de papéis, de lugares, viagens pela sala, lápis empilhados. Tudo serenou. Alguns já trabalhavam, outros buscavam inspiração.

No colégio público todos os admiravam. Sempre com a camisa branca impecável, a pequena gravata azul marinho, da cor das calças, no lugar certo. Quando a professora, de dentes salientes, o chamo em forma de chapéu de múmia de farafó, fazia uma pergunta, ele all estava, o dedo miúdo em pé, e a resposta saltava imediatamente. No fim do ano ganhava presentes. Certa vez até uma bandeira da pátria lhe deram, grande, de pano bordado. Naquela dia ele fol orgulhosamente para casa.

Seu irmão era barbeiro. Morava nos fundos da loja, em dois pequenos aposentos. Orgulhava-se d'ele. A família era grande. Ninguém pudera estudar. O pai morreu cedo, e o trabalho reclamava-os. Esse não ia ser alguma coisa. Enquanto a tesoura voltava ligeiramente sobre a cabeça de algum freguês ele sonhava com o irmão mais novo. Seria alguém na vida. Naturalmente, importante. Todos o diziam. Importante.

— Não amola!
Ergueu a cabeça. Um aluno assediava um colega para lhe dar a questão resolvida. O outro exclamou. Fez de conta que não viu. Alguém deixou cair uma folha no chão. Outro levantou-a. Nada aconteceu. Mergulhou novamente nos pensamentos.

Depois veio o ginásio. Conseguiram para ele gratuidade em um colégio do governo. Mais uma carreira brilhante iniciou-se. Um, dois, três anos cursados brilhantemente, elogios de professores, respeito dos colegas, honras da agremiação escolar, diretor do pequeno jornal mimeografado no colégio. No fim do quarto, foi o orador oficial da turma. Nervoso, pronunciou o discurso preparado em casa: Um primor.

— Esse menino é um gênio.
— E' meu irmão!
— Meus parabéns!
Novamente olhou para fora. Os mesmos galhos balançando. A luz um pouco mais forte. O mesmo céu claro. Parecia que tudo fóra eterna-

mente assim. Que não havia transformações. A mesma coisa, sempre.

— Professor! Isso está certo?
Olhou pausadamente a questão que havia passado. Sim. Havia-se enganado. Errara. Emendou no quadro. Rostos vitoriosos se voltaram para ele. Agora vinha a salvação. Todos já sabiam fazer. Deu uma pancada na mesa. Silêncio.

Que reviravolta em sua vida! Um grande homem! Importante! Um gênio! A avalanche o arrastara a uma situação jamais imaginada. Sentiu que era um peso para o irmão. Quis trabalhar, quis vencer. Foi derrotado. De dia, trabalho, de noite a aula. Ele cansado, o professor cansado, toda a turma possuída pelo cansaço. No mesmo instante é arrebatado pela luta de idéias. Sente que tem um ideal a defender. Discussões. Um ano perdido. Reprovado. Fol uma bomba. O irmão principiou a duvidar. Ele mesmo duvidou. A torrente não parou. Continuou arrastando-o. Mais um ano perdido. Que se havia passado com ele? Inexplicável. Teve raiva de si mesmo, dos tempos anteriores, bons tempos. Teve raiva de todos. E o ordenado não dava. Passou a morar com a mãe outra vez. Eram uma dúzia em três cubículos. Nas noites de calor deixavam as janelas escancaradas. Não havia o que roubar. Nas de chuva quase morriam sufocados. A vida principiara a espezzinhá-lo. Viu colegas subindo, viu rostos satisfeitos, sempre satisfeitos. E ele decendo, impulsionado por uma força terrível. Sentiu-se envergonhado quando encontrou certa vez colegas de turma. Estava terrivelmente abatido. O terno velho surrado, com a ponta da manga esfiada, a camisa velha e suja. Era a Vida.

— Deixa de sê besta!
Outro que se recusava e mandar inspiração. Fez silêncio novamente. Que obtivera ele no fim de tudo. Reagira, é verdade, principiou novamente os estudos e terminou professor. E agora? Havia vencido? Não! Passava o dia inteiro cortando a cidade diagonalmente, de uma ponta a outra. Uma aula all, outra acolá, uma em Botafogo, outra na Penha. No fim do mês a carteira vazia. Recebia mal extraordinariamente mal. Impossível reclamar. Perdia tudo. Ficava sem nada. Esmeio que um operário. Pouco importa que ele tenha necessidade de um mundo de coisas. Ninguém quer saber. E' um simples professor, lançado em uma cadeira, ante um quadro-negro. Dava aulas. E o homem importante? O gênio? Diluiu-se, na luta da vida, acotado, joguete da sociedade que lhe dera esperanças, e que em um instante lhe tirara tudo. Bateu a sineta. Terminou a aula.

Em sua frente um monte de folhas rabeçadas, borradas, atapetadas a mesa. Exercícios. E o balanço. Relembra alguns acontecimentos, fizera desfilir pela memória os anos que passaram e que ficaram gravados cada qual com uma sensação diferente. O que devia ele á Vida? O que lhe devia ela? Estariam quites?

Juntou calmamente as folhas de papel, dobrou-as a jogou tudo na cesta de papéis. Desnecessário corrigir. Ninguém sabia nada. Nada. Dentro de alguns instantes outros cincuenta viriam. Outra aula. Não se sentia disposto. Apanhou o chapéu e retirou-se. Havia chegado a uma conclusão. A Vida lhe devia muito. Estava em débito. Fizera o balanço.

5.2.2. HECUBA, POR SAMUEL RAWET

★ "HECUBA" ★

SAMUEL RAWET

A perfeição é splanção dos deuses somente. Erros e defeitos são intrínsecos à condição humana. Mas apontar estes erros e esses defeitos não significa anular a condição humana, nem negar o homem como realidade.

São necessárias as palavras acima, ainda que saibam a um certo pesantismo, para melhor definir nossa posição em vista do último espetáculo do Teatro do Estudante: *Hecuba* de Eurípides. É cedo, ainda, para averiguar o verdadeiro papel desempenhado pelo T. E., no cenário teatral do país. O Duso, recém-inaugurado, e prolongamento do mesmo, talvez assinala uma nova etapa em sua vida, uma etapa mais durável, mais contínua, mais sólida. Sua vitalidade está ligada à pessoa de seu diretor, Paschoal Carlos Magno, e, praticamente, duas têm sido as atitudes de opinião sobre o T. E.: negação absoluta ou elogio farto, dependendo uma ou outra de ponto em que se encontram as relações individuais. Isto generalizando nos conduz mais ou menos a um estado de espírito imperante em nossa crítica teatral, com exceções, é claro. O jogo de conveniências é mais importante que a realidade artística. E aí, daquele que ouse discordar do panorama geral, só lhe restam epítetos depreciativos e os ímprobes de despeito. Se em um espetáculo de nível verídico falhas em certos pontos, lançam-lhe ao rosto a pecha de demolidor, e esquecidos os elogios, guardam-lhe somente as observações de erros como se com isso quisesse anular tudo. Não há em teatros, e o afirmamos com a coragem que, segundo alguns, só nos dá a nossa inocuidade, um espírito receptivo a outra espécie de crítica. A velha geração traz um vício que vem de longe, e a nova, nem bem ensaiando os primeiros passos, já se improvisa em uma mentalidade de "gênios".

Dai a necessidade de evitar contunções, de falar claro, de definir bem as palavras e as atitudes, para impedir que os donos de nossa vida teatral se deturpem, ou se adaptem a seu gosto. Não há duplo sentido. Nada temos contra os indivíduos. O que nos importa, exclusivamente, é o espetáculo apresentado.

* * *

Dos trágicos gregos, o que deve apresentar maior dificuldade para uma encenação é, talvez, Eurípides. Se um estudo minucioso dos textos e costumes da época, e a convenção do que é, para nós outros, tragédia, pode facilitar a montagem de *Esquilo* ou *Sófocles*, já com Eurípides o problema se nos apresenta mais complexo. Os primeiros apresentam para nós todas as características do conceito formal que temos de tragédia. Utilizam o texto para uma concepção técnica adaptada à época e à nossa técnica, os resultados podem ser excelentes. Já em Eurípides, e isso é afirmado por inúmeros estudiosos que lhe dedicaram obras, o conceito formal de tragédia se desvia, e parece-se observar nele, em germem, o drama moderno. Há nessa distinção mais que um aspecto elementar de variação de forma, há toda uma atitude diante da vida e diante do mundo cênico, há, em suma, um contraste tão grande que, em certos pontos, é impossível confundir. Ora, um recurso utilizado para delimitar os campos da tragédia e do drama é o ritmo da fala, mais que outro elemento qualquer. O tom coloquial e universalmente aceito para o último. Se em Eurípides os dois campos pareciam, como quanto os ritmos para que não se crie um choque? Esse, parece-nos, seria o problema mais difícil para um diretor resolver. Como obter o equilíbrio. A solução seria uma busca de ritmo próprio, uma fusão dos dois ritmos em busca de um terceiro. Essa tentativa não foi realizada pela direção da *Hecuba*. Assim, as duas maneiras se chocam, e um contraste que não é essencial à ação, pois que este pertence a outros elementos. Servem como exemplos as cenas de Hecuba com o Cácor, ou com a Anax, e as de Hecuba com Ulisses ou Polímestor. Essa falta de coadunação conou a momentos hesitantes a cena, sentença, o ator sempre sua fala, simplesmente.

Falta esta observação, podemos dizer que *Hecuba* foi o melhor espetáculo já apresentado pelo Teatro do Estudante, pelo menos desde a época que tomou diante começamos a alcançar. Há nele, apesar de falhas individuais, uma unidade e um senso de equipe que nunca foram atingidos. Não é mais o espetáculo em função de um ou dois elementos de destaque (e eles também aqui caíram) mas o que vive em função do conjunto. Tem a dignidade e a sobriedade que só um senso de equipe pode dar. Mesmo os elementos fracos comportam-se de tal maneira que não chegam a quebrar o caráter unitário do espetáculo. Talvez um número maior de cenas desse maior vigor ao Cório, mas talvez ao conjunto, e maior força à parte masculina do elenco. Isto, em face da parte feminina, não satisfaz plenamente. Há mesmo um problema físico que não nos parece ter sido bem solucionado. Nesse ponto, o único coadunando é Jorge Chala em Talibio.

O ponto alto de *Hecuba*, sem dúvida, é a parte feminina. A encenação de Luciana Peotta, prejudicada por uma fala inadequada à peça, o Teatro do Estudante jogou com três atrizes que dão firmeza à estrutura do espetáculo. Ana Eiler, Tereza Raquel e Miriam Carmem. Se juntarmos o nome de Fernanda Monteiro, ora na Cia. de Mme. Morrison, também os quatro nomes mais representativos, a nosso ver, da nova geração de atrizes. Tem a grande virtude da contensão dramática, fenômeno difícil de atingir, porque implica em compressão de problemas teatrais que ultrapassem a tão desejada reação do público. Ana Eiler fez com segurança a Anax, Tereza Raquel, numa ponta quase, revelou uma voz esplêndida, e uma presença segura. Aquelas que a vieram no *Edipo-Rei* de Gide com Renato Viana não de estar lembrados de outra ponta sua, Antígona, que não grande representação alcançou.

Resta Miriam Carmem. A extensão de seu papel exige-lhe, antes de tudo, um esforço físico enorme, a que só se verdadeiramente dotados resistem. Consegue nos comunicar aquela dor imensa que só as figuras míticas podem suportar. As experiências trágicas de dor, por um fenômeno psicológico, estão a um passo da ridiculidade. Os excessos de gestos, os arruobos verbais criam um vício de equilíbrio para um público nos acostumado às emoções de penumbra de transição. Pois tem, em nenhum instante de *Hecuba* essa tendência se manifesta, tendência que seria normal a um mínimo deslize da atriz. É esta a vitória de Miriam Carmem. Com uma pobre modulação vocal, é fato, atinge alturas raras em nossos palcos, e se firma, definitivamente, no concreto do palco, bico,

PARABOLA DO FILHO E DA FÁBULA

E ali na cama, os olhos abertos após o delírio. Ladeando a cabeceira, o corpo magro e o rosto nervoso da mãe, e o perfil contraído do pai, ambos sentados em pequenos bancos de estôfo verde, e uma das mãos sobre o lençol. Uma luz serena vinha do quintal, pela janela aberta, luz mansa de três horas da tarde de um dia de sol e céu lavado por outros dias de chuva, claridade sem ruído, impregnada de um cansaço pelas vizinhanças, densa de modorra e isenta de quaisquer ondulações de galhos ou brisas. E' essa a luz que os olhos do filho, bem abertos, aspiram no teto branco, sem intenção de movimento, e adivinham, lá fora, a cor de um horizonte sem manchas, azul, ainda que não visto. O calor sob o lençol não o incomoda, ao contrário, dá-lhe uma noção de conforto e de bem-estar temporários que gostaria se prolongassem com o silêncio, sem a intromissão de palavras, embora soubesse que não tardariam, pois os outros dois ali estavam para isso, simplesmente, e daí a instantes principiariam um suposto diálogo. O amontoado de equívocos trouxera-o àquele estado, misto de loucura e lucidez, e se ali estava, na cama, com os olhos abertos após o delírio, e não em outro lugar, morto, talvez devia-o a uma persistência ilusória em permanecer ainda, e sobretudo. Mas não lhe viessem com palavras, que delas nada esperava, porque em sua teimosia ouvia-as e lia-as sempre de trás para diante, ele, um espelho, e para espanto dos outros maravilhava-se com o sentido que de modo algum percebiam. Ainda no tempo dos mitos dera sinal de desconhecimento de fronteiras. Olhou o fogo certa vez e tentou dobrar a chama com a palma da mão. Chorara. Mas passada a dor, insistiu. Castigaram-no, então. Senão repetiu o gesto não foi pela dor da chama mas pela degradação do castigo que de modo vago intuiu. Mas nunca lhe haviam dito que na cor da chama estava a dor. Ainda no tempo das lendas desrespeitara fronteiras. Com uma vara tentou desencantar o gato da casa, e como este insistisse em conservar a feição de sempre, afastando com a pata a ponta que lhe pousava no focinho, ronronando e arregalando os beiços, pronto para a brincadeira, ele enfureceu-se e passou a fustigá-lo com violência. O bichano esquecido de outros afagos, e não se lembrando também de fugir, investiu contra o amigo de sempre e deixou-o ensanguentado. Castigaram-no então. Se não insistiu na facanha, não foi pelo sangue ou pelas lágrimas, mas pelo mesmo motivo anterior, já agora mais nitido. Mas nunca lhe haviam dito que os gatos desconheciam as lendas. E agora ali estava, na cama, com os olhos abertos após o delírio.



— Filho, vou contar-lhe uma fábula — era a voz da mãe, quase sumida, — Quando o inverno chegou, e tudo era neve e gelo, a cigarra que passara o verão inteiro a cantar sentiu fome. Procurou então a formiga que outra coisa não fez nos bons tempos a não ser guardar e guardar comida para os meses de frio, e pediu-lhe um pouco dessa comida para a sua fome. Pergunta-lhe a formiga, porém: "E no verão o que fizeste?". "Cantava, cantava sempre, sempre!", responde a cigarra. "Pois dança agora!", diz a formiga e tranca-lhe a porta.

— Mas se a cigarra proceder como a formiga, quem cantará no verão?

— Filho, vou contar-te uma fábula — era a voz do pai, já um pouco agressiva. — Quando a peste grassava entre os animais, o leão, certo de que provinha dos pecados ali cometidos, convocou uma assembléia, para que cada um confessasse os seus, e o mais culpado morreria, então. Reconheceu ele próprio as mortes injustas praticadas, mas a assembléia perdoou-lhe. O mesmo fez com o urso, com o tigre, com o leopardo e com o lobo. A todos esses a assembléia perdoou. Que não era pecado matar, roubar, esfaquear, ferir covardemente. E veio o burro, e disse que ao passar com fome no prado de um convento, não resistiu, e provou do capim. E a assembléia em péso, horrorizada com tamanha calamidade, rugiu, uivava, regougava, exigindo a punição. E o burro foi imolado.

— Pai, admiro esse burro!

— Filho, vou contar-te uma fábula — era a voz da mãe, já quase chorosa. — Um pastor dormia, sem cuidados, e ao longe os cães lhe guardavam o rebanho. Nisso uma serpente se aproxima, e está pronta para atacá-lo, quando um mosquito, que por ali estava também, só encontra um meio de salvar o pastor, o de picá-lo. Acordando, o pastor ainda pôde se apossar do cajado e esmagar a cabeça da serpente. Mas doía-lhe a picada na testa, e irritado com o mosquito deixa cair sobre ele a sua rã com violência.

— Mãe, eu já fui esse mosquito!

E a cabeça da mãe se dobra em soluços. E na modorra da tarde, na serenidade de um silêncio desejado, só a voz grave e rouca do pai se faz ouvir:

— Filho, se queres viver esquece as fábulas!

Conto de SAMUEL RAWET

Ilustração de AMELIA

5.2.4. NATAL SEM CRISTO, POR SAMUEL RAWET

ARANQUE-SU: um homem de sua paz de seu alfabeto, do seu gesto habitual de quem corta a sala de estar ao porta um pouco de vinho comum num dia insomnio, esp-... e a pista continua ao róm e a estagna deitado no mo no se que habilita delecto-... e ao caso especial pelo avanço numa zona de viciosa turva jo-... geral desfructado pelo intere-... e alguns monumentos, que se pro-... e lhe uma causa de almeo no cíclo... decompromete no alitico... a golpe de rias fende-se e o caso especial, vendem-se-lhe... e de rios e rios, estran-... e de uma gerada de rios, co-... e de rios e rios, estran-... de vicia, anpote-se a seu e o... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com...



NATAL SEM CRISTO

Conto de SAMUEL RAWET

Aranque-su, um homem de sua paz de seu alfabeto, do seu gesto habitual de quem corta a sala de estar ao porta um pouco de vinho comum num dia insomnio, esp-... e a pista continua ao róm e a estagna deitado no mo no se que habilita delecto-... e ao caso especial pelo avanço numa zona de viciosa turva jo-... geral desfructado pelo intere-... e alguns monumentos, que se pro-... e lhe uma causa de almeo no cíclo... decompromete no alitico... a golpe de rias fende-se e o caso especial, vendem-se-lhe... e de rios e rios, estran-... e de uma gerada de rios, co-... e de rios e rios, estran-... de vicia, anpote-se a seu e o... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com...

Arque-su, um homem de sua paz de seu alfabeto, do seu gesto habitual de quem corta a sala de estar ao porta um pouco de vinho comum num dia insomnio, esp-... e a pista continua ao róm e a estagna deitado no mo no se que habilita delecto-... e ao caso especial pelo avanço numa zona de viciosa turva jo-... geral desfructado pelo intere-... e alguns monumentos, que se pro-... e lhe uma causa de almeo no cíclo... decompromete no alitico... a golpe de rias fende-se e o caso especial, vendem-se-lhe... e de rios e rios, estran-... e de uma gerada de rios, co-... e de rios e rios, estran-... de vicia, anpote-se a seu e o... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com...

Arque-su, um homem de sua paz de seu alfabeto, do seu gesto habitual de quem corta a sala de estar ao porta um pouco de vinho comum num dia insomnio, esp-... e a pista continua ao róm e a estagna deitado no mo no se que habilita delecto-... e ao caso especial pelo avanço numa zona de viciosa turva jo-... geral desfructado pelo intere-... e alguns monumentos, que se pro-... e lhe uma causa de almeo no cíclo... decompromete no alitico... a golpe de rias fende-se e o caso especial, vendem-se-lhe... e de rios e rios, estran-... e de uma gerada de rios, co-... e de rios e rios, estran-... de vicia, anpote-se a seu e o... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com...

Arque-su, um homem de sua paz de seu alfabeto, do seu gesto habitual de quem corta a sala de estar ao porta um pouco de vinho comum num dia insomnio, esp-... e a pista continua ao róm e a estagna deitado no mo no se que habilita delecto-... e ao caso especial pelo avanço numa zona de viciosa turva jo-... geral desfructado pelo intere-... e alguns monumentos, que se pro-... e lhe uma causa de almeo no cíclo... decompromete no alitico... a golpe de rias fende-se e o caso especial, vendem-se-lhe... e de rios e rios, estran-... e de uma gerada de rios, co-... e de rios e rios, estran-... de vicia, anpote-se a seu e o... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com...

Arque-su, um homem de sua paz de seu alfabeto, do seu gesto habitual de quem corta a sala de estar ao porta um pouco de vinho comum num dia insomnio, esp-... e a pista continua ao róm e a estagna deitado no mo no se que habilita delecto-... e ao caso especial pelo avanço numa zona de viciosa turva jo-... geral desfructado pelo intere-... e alguns monumentos, que se pro-... e lhe uma causa de almeo no cíclo... decompromete no alitico... a golpe de rias fende-se e o caso especial, vendem-se-lhe... e de rios e rios, estran-... e de uma gerada de rios, co-... e de rios e rios, estran-... de vicia, anpote-se a seu e o... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com...

Arque-su, um homem de sua paz de seu alfabeto, do seu gesto habitual de quem corta a sala de estar ao porta um pouco de vinho comum num dia insomnio, esp-... e a pista continua ao róm e a estagna deitado no mo no se que habilita delecto-... e ao caso especial pelo avanço numa zona de viciosa turva jo-... geral desfructado pelo intere-... e alguns monumentos, que se pro-... e lhe uma causa de almeo no cíclo... decompromete no alitico... a golpe de rias fende-se e o caso especial, vendem-se-lhe... e de rios e rios, estran-... e de uma gerada de rios, co-... e de rios e rios, estran-... de vicia, anpote-se a seu e o... e de cada uma das duas bocas que o dilam com... e de rios e rios, estran-... e de cada uma das duas bocas que o dilam com...

5.2.5. ESTÃO MESMO VERDES AS UVAS (BÉNI SOIT QUI MAL Y PENSE), POR SAMUEL RAWET

Estão Mesmo Verdes as Uvas

Béni soit qui mal y pense

SAMUEL RAWET

COMO certas pessoas, certas palavras nos apresentam de saída sua face ambígua. A palavra escatológico, por exemplo, é uma delas. Certos assuntos tratados por certas pessoas têm o mesmo caráter inicial. Ou a matéria é bem sabida ou o caminho escolhido é o da embromação. Mas como negar já é uma afirmativa bem sólida, há um outro caminho, um pouco mais ameno, resvalando às vezes, quando possível, para um riso mais ou menos autêntico, e que utiliza como argumento perfeitamente defensável a ignorância. Se todos pudessem recorrer à franca prosa local, rabalaisana, sem incorrer na ira dos deuses!

É com o argumento da ignorância, à maneira de clown meio desastrado, do quem não chegou a aprender a capoeira mas já levou algumas rasteiras, que me intrometo em assunto sisudo. É um modo de afirmar. E talvez no ato da afirmação, no instante mesmo, possa chegar à conclusão de que está tudo errado. O que já é uma conquista.

Max Brod no longo estudo sobre Heine detem-se um pouco na ironia e no desequilíbrio do poeta que, quando menos se espera, sai do assunto que garbosamente vinha desenvolvendo, e derrapa no humor. Como essa derrapagem de há muito me interessa, ou mais exatamente desde o dia em que li o conto de Orígenes Lessa, "Shonosuké", creio não estar fora de foco lembrá-la agora. Além de que o problema do riso é um velho problema, e sempre esteve ligado com a literatura. Dizem os entendidos que o mais difícil é fazer uma boa comédia. Desisti de aprofundar o assunto ao ver tantos rostos risibundos durante o dia e a impossibilidade de captar exatamente a motivação. Há risos interessantes, risos inteligentes, risos idiotas, há mesmo gargalhadas estridentes, vamos ao lugar-comum. Lembro-me agora de uma história de uma senhora de minhas relações que até hoje me intriga. Numa conversa com alguém que deveria possuir determinados atributos para o cargo que exercia, me referi à intenção de estudar filosofia manifestada pela mesma senhora. A resposta foi uma gargalhada. Confesso que gostaria de compartilhar o bom humor do outro. Mas até hoje não consegui atinar com o mecanismo que desencadeou tamanha tempestade. Burrice minha, provavelmente. Nem primeira, nem última. Talvez provenha de uma tradição velhíssima que alia o estudo da

filosofia com um certo número de conhecimentos altamente científicos, ou talvez de alguma outra tradição mais remota e mais profunda que exigiria testes vocacionais para estudos dessa natureza. Mas ainda dentro da linha do clown descrevo algumas reminiscências de leitura meio confusas, e me lembro da existência de alguns tipos de conhecimento e experiência um pouco fora desse reino absoluto da verdade que em certos casos se resume a três fórmulas decoradas com a unção de um padre-nosso. Jaspers no ensaio sobre Van Gogh faz referência a certos estados de misticismo passageiro que costumam encontrar com frequência na esquizofrenia. Naturalmente o caso vulgar não lhe interessa. Van Gogh é um gênio. Eu me pergunto se é permissível fazer uma pausa exatamente sobre estes estados passageiros de casos vulgares. Sua breve duração é sintoma um pouco mais grave do que se supõe? Naturalmente o homem encarregado da cura trata urgentemente de chamá-lo à realidade. E a realidade é o preço das encurtas. O que não deixa de ser verdade.

O interesse com que o ocidente vem recebendo o zen-budismo (literatos, místicos, psicoterapeutas — isto é quase um palavrão —) me faz pensar no hassidismo, que eu não conheço, mas que foi muito bem estudado por Buber. E me sugere que seria possível começar a ensinar filosofia no curso primário, por exemplo, e começar com a metafísica, a metafísica como a ciência do cotidiano. Como estes assuntos são interessantes apenas como divagação, e interessam de perto a literatos, sugeriria, por exemplo, que outros assuntos até agora estritamente ligados à moral fossem estudados sob outro aspecto. O homossexualismo, por exemplo, encarado como esquizofrenia fundamental, sem as implicações mitológicas e eruditas que contrabalançam o riso e a piada de café? E esquizofrenia como é definida por Bleuler. Divisão que talvez remonte a uma origem um pouco mais remota, e mais próxima, do que a criada por mergulhadores do abismo em prato raso.

Talvez o problema seja de coragem. Mas corajoso por enquanto é certo poeta que oficializa seu romance com uma cartógrafa sem romper com a mulher.

Há um momento em que a raposa da fábula não desiste por despeito. Tem razão absoluta. É quando as uvas estão mesmo verdes.

5.2.6. ESPERANDO GODOT, POR SAMUEL RAWET

A necessidade de renovação técnica do teatro, imposta no último século pela estrutura industrial que transformou o palco em decorador de autores, exigindo deles uma produtividade com recursos limitados para um consumo específico, assume pouco a pouco as feições de um desespero ou angústia, que não nos possibilita a previsão da fecundidade a que os recursos empregados possam conduzir. Diante da liberdade máxima parece-nos quase ridículo os esforços de antepassados, bem recentes, para superarem preconceitos mínimos, ou introduzir no jogo um detalhe que nos serve hoje para caracterizar-lhes o período. E isto, mesmo com as determinantes históricas presentes em nosso espírito, afastando, desse modo, qualquer possibilidade de erro por ausência de perspectiva temporal. Pouco importa já, se, acesas as luzes, a rede de pesca tem uma existência real, ou é ilusão de cores e traços, se a idílica de mar nos vem através de complicado mecanismo de ventiladores, tubos e panos estofados, ou apenas sugerida por uma corda impulsionando uma linha alva de ondas na boca do palco. Pouco importa a sala de estar, com detalhes de quadros e tapetes, cômodas e espelhos, lâmpadas e lazeiras, ou uma esquadria suspensa à meia altura, uma cadeira, e um foco de luz. Pouco importa a sucessão de gestos da atriz, ou o ritmo vocal do ator. Pouco importa a arena junto à colina com arquibancadas, ou a sala em penumbras convergindo para três paredes e um teto. Orestes e Electra desfilarão sua história com as roupas que Alfieri lhes deu. Antigona aguardará, com suas calças negras e justas, sua suéter a modelar-lhe os seios, seus cabelos revoltos de maquis suicida, a sentença de Creon. Hamlet dirá seus monólogos de smoking e copo de uísque na mão, sob galhadas de folhas metálicas de Calder, ou, negro, mandará sua Ofélia, negra, para um convento, em ritmo de blue.

Liberdade suprema com os Mes- tres, que em nada alterará o núcleo emotivo imaginado, e não conseguirá deturpar a autenticidade humana dos conflitos. Super-marionetes ou homens, cena à Italiana ou

Esperando Godot

SAMUEL RAWET

"orquestra", o terceiro ator de Sôfocles ou os ruídos externos de Tchekov, permanecerá sempre o texto-essência, e a necessidade, ainda que torturante, de comunicar algum sentimento. Comunicar. Afastar-se, mesmo, a hipótese de um contato mais íntimo, de um contágio provocado pela aglomeração de presenças, de uma comunhão, quase no sentido místico. Todos os elementos são válidos, hoje, para atingir esse fim. Mas cairemos no vácuo se esses elementos forem empregados exatamente para chegar ao oposto: a impossibilidade de comunicação. Se antes possuamos o drama de consciência se desenvolvendo de fora para dentro, hoje temos o inverso, ou nem isso, mas apenas a consciência atuando lucidamente, ou, em caso externo, um mecanismo mental automático. E a questão consiste em determinar, nos recursos empregados, do que há de puro artifício ou o que se integra como renovação no desenvolvimento do drama.

Ibsen não foi maibachista, e tampouco o Priandelo de "A Vida Que Te Dei". Sob a desagregação de "Seis Personagens..." é fácil distinguir a pirotécnica habilmente manejada pelo gênio do autor. O lastro que deixa, porém, é apenas a aventura ideológica e cerebral, que opõe a NORA, a sra. FROLA. Naturalmente a renovação se afirma com tanta unidade como em "A Morte do Caixa-Viajante". A adequação da técnica é comunicar. Talvez seja essa peça o único resíduo definitivo desse esforço renovador. O artifício integrou-se na idílica, sendo impossível destacá-lo.

O problema se torna mais agudo quando a tentativa é de mergulhar na própria ludibri, fragmentando-a, desagregando a lógica de uma sequência linear de pensamentos, e isso, sem a intenção do teórico ou da fantasia, que tudo permite. E a liberdade não é a do sonho, mas a da vigília aterradora. Liberdade com asas de chumbo e os pés atados pela condição humana. Nesse sentido, Sartre não foi muito longe com o seu "Le Diable et le Bon Dieu", e Camus, com "Calígula", permanece com o homem desesperado que nos encara fixamente e diz, na maior lucidez: "estou desesperado!". A aventura de Samuel Beckett ultrapassou o plano racional. Se n' "O Processo", de Barrault-Gide-Kafka, já se patenteia essa intenção, suas amarras com os elementos do cotidiano não o levam ao delírio puro. "Barrabás" de Ghelderode traz a carga de um mito de dois milênios, integrado em todos nós. "Esperando Godot" se afirma pela anulação, pela redução cerebral e consciente do drama a um vazio preenche de intenções.

E não há aqui nenhum desejo de oniromança. O sentido de cada um dos elementos apresentados, dá ao espectador de si mesmo, na razão direta da capacidade de despertar idílicas que a personagem provoca. É um problema de esforço mental, ou de gosto, pelas sutilezas do raciocínio qualquer interpretação de POZZO, LUCKY, ESTRAGON ou VLADIMIR, GODOT, GODOT, quem será? Deus? A palavra oferece recursos mágicos para estranhas elocubrações, ainda mais quando o autor emprega como artifício o esfacelamento da frase, a repetição mecânica do vocábulo sóto no espaço. É este o aspecto mais importante. É a engrenagem mental com poucos momentos de encadeamento lógico. É a simplificação ao extremo. Numa paisagem marcada por um tronco desfolhado, um dos

símbolos mais impressionantes dessa aventura do viver, homens, (?) , fazem aparentemente a mesma linha, sem chegar, quase sempre, a um entendimento. A melhor imagem que nos ocorre é a das linhas cruzadas telefônicas. Lugar-comum, que bem se adapta a esse outro, que forma loda a carapaça ideológica do homem moderno, e que gerado em estranhas fábricas, foi-lhe imposto como excessência vital. Imaginem dois surdos bem-falantes em mesa redonda. E Beckett conseguiu realizar o seu plano, maravilhosamente, com a força diabólica do indivíduo que mata a emoção. LUCKY nunca desperta em nós migalhas de piedade. Eis a vitória do autor. "Esperando Godot" é máquina de moer carne, e a carne somos nós. Se nos falta essa vocação de ser torturados, o melhor é sair do teatro, sem o consolo de recuperar o fio com a leitura da peça, porque a sua verdadeira materialização é ali mesmo, no palco, vivendo e morrendo no tempo físico, exato, da representação. "Esperando Godot" vive e se devora, como teatro, em calma autofagia. É o penúltimo degrau no caminho da anulação. O último seria uma paisagem sem árvore e sem homens, o encontro do telão com o soalho do palco dando a linha do horizonte, e o espectador sentado, aguardando, aguardando. Vitória do autor. Morte do teatro.

A Margem d' "A Mandrágora"

SAMUEL RAWET

JÁ MESTRE Thomas Mann advertiu na personagem de Aschenbach que nunca se procurasse conhecer a origem de uma página de escritor, ou as condições que terminaram seu aparecimento. A decepção, no mínimo, acompanhará a descoberta, se não for outro o sentimento. A obra-prima de Maquiavel, agora muito bem encenada pelo Arena de São Paulo, desperta um desejo de reter outras peças em que a figura do marido traído apareça, não como usualmente nos triângulos de toda espécie, mas como vítima de algum equívoco ou ilusão, o que às vezes é mais trágico, ou mais grotesco. As lembranças são fracas e a ignorância muita. Ponderável o caso de Anfitrão, que hoje já deve ter atingido a casa das centenas, e bem mais ponderável este fabuloso "Le Cocu Magnifique" de Crommelyck que se não me engano ainda continua inédito em nossos palcos, numa tradução brasileira. E o "magnífico" era praticamente um anjo. E ainda a personagem de "Perdoame por me traíres" de Nelson Rodrigues, que numa centelha de frase parece ter ido muito mais fundo que tantos mergulhadores de abismos.

A acreditar no Maughan de "Maquiavel e a Dama" a verdadeira história da Mandrágora é um pouco diferente, e não sei se isso interessa a quem procura no texto *infra* ou superestruturas. Tenho a impressão que não. Se Maquiavel interessou-se ou não por certa dama e utilizou todos os recursos para captivá-la, se nesses recursos não corrompeu quem apresenta como corrompido, tudo isso talvez não interesse. Nem mesmo saber que o produto de tantos trabalhos e artifícios foi cair nas mãos de seu jovem secretário, que como personagem de fábula que não sei se existe, ficava debaixo da árvore agitada pelos que o insultavam a aparar com a boca os frutos que caíam.

A acreditar em Maughan ou em quem se inspirou, o resultado dessa frustração seria essa obra-prima. Bendita frustração! Mas depois da gargalhada que descarregamos sobre as tolices de Messer Nícia, ficamos ainda um verme a roer para saber de verdade quem saiu vitorioso em toda essa farsa. E com espanto concluímos que Messer Nícia foi o grande vitorioso, o único sério nessa trama armada por Calimaco, Siro, Ligúrio, Sóstrata, Frei Timóteo. A pura e simples verdade é que Messer Nícia desejava um filho que não podia ter, e como bom burguês depois de afetar uma série de princípios, valores e atitudes, acabaria aceitando a solução mais prática, que tanto num confessionário como numa mesa-redonda de autocrítica receberia o beneplácito de intenções. Creio ser essa a principal característica de Nícia. Seu objetivo é claro, sua impossibilidade evidente, porque não se prestar ao jogo cujos participantes tinham o maior interesse em conservar o segredo; porque não agir como bom burguês e suportar um ritual de encenações necessárias. Hoje talvez apelasse para a inseminação artificial, ou adotasse alguém oriundo da Casa

dos Expostos, o que naturalmente é bem mais limpo e moralmente muito mais digno! Ou qualquer outra solução que não nos ocorra agora, mas que não deve estar muito distante das virtudes da mandrágora, que tanto rizo despertam na platéia. Aproveitamos algumas informações de Mário da Silva, no prefácio à sua tradução brasileira. Transcreve o autor um trecho do Dictionnaire Infernal de J. Collin de Plancy, em que há a descrição minuciosa de um modo de se obter certas mandrágoras maravilhosas. A que era regada por urina de cão, por exemplo, mas que provocava a morte de quem tentasse arrancá-la. O expediente é fabuloso para fugir a tal perigo: amarra-se uma corda no pescoço de um outro cão que, fustigado arranca a raiz e, naturalmente, morre. Pode agora qualquer feliz mortal apoderar-se dessa maravilha que lhe será de imensa utilidade. Desconfio que há no título uma sugestão bem mais interessante do que a hipotética história apresentada. Mais antes, bem antes, parece que alguém disse qualquer coisa a respeito: "bem-aventurados... os pobres de espírito..."

Como tantos outros, Maquiavel caiu na própria armadilha; saiu pela tangente, salvou-se pelo sonho, e hoje à Rua Gutierrez nº 16, à margem esquerda do Arno, entre o Ponte Vecchio e o palácio Pitti, sua sombra deve estar sorrindo de boa parte dos que o aplaudem.

Antonioni – Luz e Silêncio

SAMUEL RAWET

Parece incrível, quase, constatar que a grande conquista de Antonioni na época de requintes do cinema falado, de superscopes, estereofônicos e outras sutilezas de ilusão, parece incrível verificar que a sua grande vitória é: luz e silêncio. Diante da trilogia do mestre italiano chegamos mesmo a duvidar do cinema mudo. Será que existiu? Temos agora a impressão de que diante dele a ausência de trilha sonora há mais de trinta anos produzia mais barulho e estardalhaço do que um moderno sistema de seletores e ampliadores de sons.

O silêncio em Antonioni não é contingência, é conquista; não é ausência de ruído, é anulação física ou mental do ruído. Suas figuras se movem em zonas de silêncio, e as intermitentes incursões no mundo do som não lhes altera a capacidade de absorver silêncios. Inútil barafustar idéias à procura de uma solidão maior, angústias, etc., o que permanece é a necessidade de não se deixar contaminar pelas cinzas de um diálogo inútil, ou pelas sugestões de um silvo de jato, que nos céus quase sempre neutros e sombrios é apenas uma linha de luz, ou de fumaça, se quiserem. Há outros silêncios admiráveis no cinema moderno, os silêncios de Bergman ou de Bresson ou de Resnais, talvez.

Mas ainda aqui uma constatação. Fala-se muito na qualidade de romancista em Antonioni. Mas é bem possível que ele o seja menos do que os três acima citados. É bem possível que nem seja nem pretenda fazer romance no cinema, mas apenas cinema. E à exceção de algumas sugestões, ainda assim não verbais (ex: o livro perdido no salão espetacular de festas de "A NOITE é um romance de Broch: *Os Sonâmbulos* — e o título talvez sirva como sugestão remota para observar as personagens de Antonioni) é ele o menos literário de todos, apesar das aparências.

E com um segundo elemento que nos parece fundamental, luz, quase que se esboroa o tão falado intelectualismo do diretor. A impressão que se tem é que ele conseguiu cristalizar todas as experiências anteriores experiências de fato, e foi um pouco mais longe do que Resnais em MARIENBAD. Talvez porque prescindiu da colabora-

ção de um romancista. O que se consegue em *Marienbad* de encantatório quase com o lado verbal, desaparece aqui. Há mármore, corredores, estátuas, corredores, mármore, portas, vidros, paredes, vidros, portas, mármore, corredores, sem que alguém nos venha comunicar sua existência. Apenas à saída fica-nos na lembrança o registro de alguns retângulos divididos quase sempre por poucas retas, e em cada divisão uma gradação de luz nitidamente marcada, mármore, vidro, ferro, tijolo, um quadro dentro do quadro etc.

Um quadro dentro de um quadro até a fusão total em que o primeiro se transforma numa materialização do segundo. Sentindo espaçadamente em A AVENTURA chega a quase saturação em O ECLIPSE. Poucas vezes o branco foi marcado com tanta nitidez e dureza, poucas vezes sentimos a crueza de uma fachada branca de igreja ao sair de um beco penumbrento. Os objetos se desenham com nitidez à nossa frente e se oferecem na sua qualidade de objetos, envolvidos em silêncio. Mas um silêncio feito de ruídos, ruídos que às vezes são palavras, mas ainda assim dispensáveis como palavras, já que se estumam numa repetição monótona ou se perdem num fundo em que o essencial não é propriamente a compreensão mas sim o ruído, magnífico ruído gerador de admiráveis silêncios.

Dentro da luz e do silêncio suas figuras caminham e se chocam com árvores, tijolos, água empoçada, torres, automóveis, aviões a jato, edifícios, principalmente edifícios em A NOITE E O ECLIPSE. Fachadas e cômodos internos. Objetos mais ou menos idênticos cercam figuras mais ou menos idênticas em atmosferas idênticas. As vezes tem-se a impressão de que as personagens acordam de sua condição de objetos, mas a ilusão se desfaz, e voltamos a um retângulo, retângulo de um cinza carregado com um círculo branco no centro. O círculo se amplia. A saída do cinema nossos pés transitam de um tapete para o mármore polido, nossos rostos se examinam numa parede que é um espelho, e recebemos de cima uma luz dispersa através finas placas de acrílico. E caminhamos. Outros caminham também.

5.2.9. WU, POR SAMUEL RAWET

NÃO sei até que ponto o ressentimento, o despeito, o interesse ferido, não sei até que ponto a causa pessoal em jogo inutiliza um argumento. Não sei até que ponto a dor própria precisa se anular para tornar válido um reparo, ou mesmo um pouco mais, um ataque; não sei até que ponto o entusiasmo de uma revolta diminui o coeficiente de verdade.

Dois anos e meio de experiência psicanalítica me sugeriram repentinamente e, após alguns episódios meio grotescos que poderiam beirar o clima da chantagem, e que me deixam divagar sobre as possíveis relações entre certos problemas policiais e patológicos, me sugeriram a vaga idéia de uma falência de uma terapia. Ousada a idéia, pretensiosa, delirante, talvez. É possível. Ou exagero, confusão entre um método e o indivíduo que aplica esse método. É possível também. Mas o próprio clima vivido e a possibilidade de uma tal confusão me levam um pouco mais longe, e como tudo is-

só provavelmente não passa de uma digressão pretensiosa de quem nada entende do assunto, posso me dar ao luxo de extrapolar certas conclusões.

A comparação entre o número assustador de obras de divulgação e especialização e a prática no dia a dia me deixou um sentimento melancólico de inutilidade. Vive-se um universo de frases, de catálogos, e de termos especializados inteiramente alheio ao fenômeno bruto e concreto da doença. “As pessoas lutam com o vocabulário da patologia, consolando-se com a terminologia das *neurosis* e *psicosis*.” A citação é de mestre Jung na “Introdução ao Zen-Budismo” de Suzuki, citação que parece entremostar um cansaço e uma desilusão no fim de uma existência formidável, e que mais uma vez confirma a hipótese de um ciclo inevitável de inutilidade diante da imensa estupidez humana, venha de onde vier. As catalogações, as classificações, os esquemas, os testes, o vocabulário, tudo isso

pode sugerir também um clima idêntico ao dos fantasmas medievais. E prefiro, atualmente, acreditar em fantasmas, ao verificar que para tantos sábios o problema moral anda bem baixo, não ultrapassa as virilhas.

Diante da massa de volumes e do número de correntes em choque pode alguém ousar a seguinte pergunta: e se tudo isto está errado? Devo confessar que os casos de sucesso não me interessam, são mais sintomáticos os outros, os de fracasso. E se tal cura milagrosa provém de outra coisa que não a explicação de que se pode duvidar? Ainda me lembro do impacto causado por uma notícia da existência de um li-

Wu

SAMUEL RAWET

vro de Martin Buber, em que se estuda a relação concreta En-Tu, com todas as implicações e interações possíveis. Ainda me permito outra divagação sobre uma possível cura por motivos inteiramente ignorados pelo paciente e pelo médico.

Um pouco menos de psicologia e um pouco mais de educação! Ouvi essa frase em algum lugar, não me lembro bem onde. O diabo é que para muita gente educação se confunde com uma série de rituais como por exemplo dar bom dia, assoar bem o nariz ou oferecer o lugar a uma senhora num honde. Meu Deus, até os bondes já vão sumindo!

Olho alguns livros procura-

dos com a usual e boa vagabundagem pelas livrarias, e me ocorre um poema também de autor ignorado:

*Seria belo o mundo
sem a estupidez humana.
Seria belo!
Seria mundo?*

Nomes, nomes, alemães, búlgaros, turcos, italianos, a própria nomenclatura vai perdendo o sentido e vai tomando caráter pejorativo pelos que a empregam, e entre esses nomes o ser concreto se estilhaça num mar de divagações. As tendências são profundas, cada vez mais profundas, o monte de sutilezas se acumula sobre um oceano de profundidade: útero, feto, canibalismo, estruturas, complexos de Jugurta e Paramaribo. Desconfio que o trabalho de Jacques Maritain sobre o “Pecado do Anjo” talvez possa trazer contribuição melhor, e tem a vantagem de oferecer em nota de pé de página uns trechos em latim que eu não entendo, mas que têm sempre um poder verbal

encantatório: “Diabolus non sentit se esse male, quia culpam suam non apprehendit ut malum; sed...”. Naturalmente perto desses assuntos a situação miserabilíssima de ignorância própria de estupidez alheia, de sordidez ambiente e revolta justificada desaparece.

Entre a prática medieval da terapia de choque e as ânuas da análise deve haver uma palavra que eu não sei bem qual é. Mas deve ser a mesma da anedota contada por Jung no prefácio ao livro de Suzuki: “Um monge, certa vez, perguntou: “Um cão possui também natureza budista?” ao que o mestre respondeu: “Wu”. Suzuki observa que este Wu significa apenas Wu. Obviamente seria o que o próprio cão teria dito em resposta à questão.”

Enquanto vou à procura deste Wu, e observo no Zoológico um animal interessante denominado Chacma, continuo empenhado na melhor das batalhas: a batalha perdida. Todos ganham.

As Afirmitudes Deletérias

SAMUEL RAWET

PARA aqueles que, como eu, não nasceram sob o signo do mandacaru, não se embevecem tanto com a flôr do xique-xique, não têm os olhos marejados de lágrimas à simples lembrança de um pé de mangaba, para aqueles que não têm o hábito do chimarrão, nem o do caruru, e para quem a palavra cabrobó não desperta outras reminiscências além de uma colisão de consoantes, aqueles que além de apelar para a memória, ainda precisam apelar para reminiscências de uma língua nunca aprendida, quando mergulham em certa ficção não têm outro jeito a não ser agarrar-se a um outro tipo de experiência: a experiência sonhada.

Por isso me deslumbro com certas afinidades, e nunca esqueço o encontro narrado por Werner Bock em "Momento e Eternidade". Werner Bock foi à procura de Herman Hesse em seu retiro, e o que comunica não é bem o diálogo, mas as sobras, o halo da conversa, o que se adquire sem comunicação, mas como um impacto direto que só pode ser gerado por alguém cuja fidelidade não deixa margem à qualquer dúvida. Deixo de lado o fato de Werner Bock não perder seus ares de aristocrata prussiano ao nem mencionar Wasserman na relação dos escritores alemães que constituem o seu livro. Dizem que Wasser-

man não conhecia bem o alemão. Como sou meio analfabeto até em português, devo confessar que mesmo uma tradução, possivelmente defeituosa, bastou para me comunicar o que havia nesse romancista torrencial. Aliás, se não me engano, só há pouco tempo apareceu na França uma tradução completa das obras de Dostoiévsky. Tudo o que havia antes era defeituoso, truncado, adulterado. E foi o Dostoiévsky defeituoso, truncado, adulterado que influenciou e despertou oceanos de páginas de alguns monstros da literatura francesa. A morte recente de Hesse me fez lembrar o encontro descrito por Bock. E me despertou outras lembranças, também. Uma vez, em uma outra existência conheci esse clima. Era alguém que falava numa tarde calma, e a voz era um sussurro quase, poder-se-ia falar em agonia. A frase lida era uma epígrafe famosa: "O que queres, Sibíria? Quero morrer!" Nessa hora tive a impressão de que um anjo havia roçado sua asa no vidro da janela. Bock deixou a ransão e anos, anos depois Hesse morria suavemente entre velhos livros latinos e as mesmas nuvens, talvez, que eram utilizadas por Joseph Knecht nas suas horas de meditação numa cela de Castalia.

Existe em alguns um longo aprendizado da morte, longo de meio século ou longo de um minuto. Jones Ro-

cha praticou esse aprendizado durante alguns séculos. Mas poucos, muito poucos se lembram de Jones Rocha. Era um rapaz meio chato que tinha a mania de querer soluções urgentes para o que era insolúvel. Outros não resistem ao aprendizado e se avacalham um minuto antes de morrer. E' humano, é compreensível. Nem todos têm o poder de se comportar como aquele personagem de Hesse em "Breve História de Minha Vida". Prêso, chateado pelo carcereiro, desenha uma locomotiva e vagões na parede da cela e no último instante embarca no trem. Mas não lembro se viu a fumaça e ouviu o apito. E que esse aprendizado deve vir de longe confirma-o Eduardo Friero em artigo deste Suplemento de há quinze dias. *Não descendemos de Adão, Não de Abel. Em termos de literatura bíblica somos filhos de Caim*, afirma Friero ao comentar um livro que está fazendo sucesso no mundo: *Os Filhos de Caim* de Robert Ardrey. E há mais de um século Nerval, um homem que viveu o seu sonho, nos conta a história de Adoniram o genial escultor e sua descida ao Reino de Tubal-Caim. Mas o que é mais freqüente não é bem esse aprendizado, é o contrário, e uma vida perdida por uma ilusão, por dar importância a um Sancho às avessas, boçal e cafajeste, e a um anti-Quixote, que ao contrário do

Cavaleiro da Mancha, desprezando a bela loucura dos moinhos de vento, troca seus sonhos por uma arca de dobrões de Holanda.

Com o péssimo hábito de comprar livros e aprender por osmose, folheio o "Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife", de Gilberto Freyre, e não sei porque me fixo n'O *Recife de Hoje em Anúncios de Jornal*, e me distraio com um deles:

Consultório Médico -
Traspassa-se o contrato de uma sala (aluguel módico) e vendem-se os móveis da mesma: bureau, mesa clínica, estante para livros, tudo em sucupira, balança de bebê, idem adulto, etc.
Preço de ocasião. Negócio urgente.

Penso numa opção... já resolvida. Não há opção. Compreendo melhor um gesto bucal de Graciliano Ramos, meio inexplicável, em relação a um certo poeta. E me consolo das afinidades deletérias participando de um culto há tempos instaurado aqui no Rio. E' o culto a Jorge Luís Borges. Fausto Cunha é seu profeta, e Alexandre Eulálio o sumo-sacerdote. Segundo *Os Teólogos*, todos nós somos Juan de Panônia e Deus lá de cima nos olha com um profundo bocejo de indiferença.

UM problema que de há algum tempo para cá vem me despertando interesse é o da burrice. Naturalmente falo de experiência própria. Já tive crises de burrice tremenda, e em meio a tudo, alguma tolice, que é o sal da burrice. Dizem que quem é burro peça a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue. Como Deus e o Diabo são dois seres muito ocupados com problemas mais importantes, e a briga entre eles ainda não acabou, prefiro transportar o assunto aqui para baixo. Aliás desconfio hoje que a briga deve ter começado por uma ninharia. Deus um dia deve ter cometido uma injustiça, que também é um atributo divino, e Lúcifer foi o atingido. Naturalmente Deus perdoou-lhe a revolta, mas Lúcifer não podia aceitar o perdão por uma falta não cometida, e o ofertante se irritou. A vaidade ofendida naturalmente impediu até hoje um acerto na situação. Sobre a burrice muita coisa pode ser dita. Ainda me lembro de uma certa noite em casa de um amigo, em que um crítico hoje famoso discutia uma tese importantíssima: a necessidade da burrice criadora. Nunca vi tanta gente chamar a si essa grande qualidade. Talvez não tenha levado a palma no caso em questão. Mas

Uma Península a Leste do País dos Rujuks

SAMUEL RAWET

ganhei bem no que diz respeito à burrice comum, palmar, cotidiana. Paguei o preço, desconfio, ou ainda vou pagar. E é por isso que hoje me interesse por uma península a leste do país dos Rujuks.

Como ponto inicial a burrice tem uma ligação imediata, concreta, com a ficção. Ambas participam de um certo deslocamento em relação à realidade, ambas utilizam os mesmos termos para fins distintos. Se a ficção ainda tem por meta, entre outras coisas, a satisfação de uma certa vaidade do autor, a burrice ao contrário tem um aspecto doloroso quando tornado consciente. Por isso merece um pouco mais de simpatia do que a literatura imaginada. Um outro aspecto da burrice é o humor im-

plicito. A observação é tão banal que dispensa exemplos. Apenas ocorre uma hipótese: a necessidade, talvez de localizar o disparador do riso não no que comete a burrice, mas no que a observa. E colhem-se informações muito mais interessantes, muito mais reveladoras! Sem a capa da ironia ou do sarcasmo a burrice pode representar um salto no irracional, um modo de resolver certas situações dentro de uma lógica implacável que escapa aos doutores de certas leis, uma lógica implacável como a das crianças. Tudo isso faz pensar nos cobles de Simak e na série de mundos coexistentes, de uma infinidade de esferas dentro da mesma esfera. Faz pensar numa mudança de plano e de espa-

ço. Simples, como o salto para ontem, ou o coelho que sai de uma cartola que não tinha coelhos nem fundo falso.

Bem observada faz pensar num aproveitamento dos que possuem essa qualidade para certos fins específicos, além do de comer capim, naturalmente. Li em algum lugar uma notícia sobre o aproveitamento dos daltônicos na última guerra. Parece que devido ao seu defeito eram utilíssimos nos aviões de bombardeio. Certos disfarces certas ilusões, não contam para os daltônicos. Seriam interessantes testes como os de Stilling e Ishihara, mas é certo que a maioria há de preferir o de Holmgren. São todos conhecidos, ainda, a burrice

funciona como uma espécie de anjo da guarda. Desperta insultos em todos os cantos, nas esquinas, nas ruas, nos ônibus, sob a janela do quarto em que dormem, atrás da porta em que fazem suas refeições. Os insultos, porém, podem se transformar em estímulos e os cobles de Simak entram em ação. E os cobles me lembram os cães de Simak, que ficariam ofendidos com a frase que me ocorre: à noite todos os cães se parecem, mesmo quando é meio-dia.

Ouvi falar numa península a leste do país dos Rujuks. Dizem que a burrice humana encontra lá sua expressão máxima. Duvido. Não acredito em concentrações maciças. Prefiro certas generalizações. Por via das dúvidas é para lá que pretendo ir assim que conseguir dar o meu salto de coble, e sair do círculo de carvão que tolhe o peru na sua barreira implacável. Aliás ir não é necessário, basta-me pensar na viagem, basta-me um pouco menos, sonhar por exemplo, com uma península a leste do país dos Rujuks. Heinrich Böll me entende. E levo uma vantagem. Posso dar com os burros nágua, que o resultado é o mesmo. E há muita coisa a aprender numa península a leste do país dos Rujuks.

5.2.12. GRRR!!!, POR SAMUEL RAWET

Certos críticos bem orientados clamam aos céus contra o que seria um abuso numa área da ficção contemporânea: o *abuso da angústia*. Pelo tom, e pelos modos, tem-se a impressão de que a angústia é um subproduto de alguma conquista contemporânea, muito vulgarizada e desvalorizada pelos que embarcam na canoa de Freud e outros Noés. Como se a própria inflação da angústia não fosse uma prova de uma outra coisa bem maior: a angústia. Como se o medo, o medo elementar fosse uma solução escapista para alguma dor de calo, ou colo. Como se alguma frase milagrosa nos despojasse de algum tremor numa sexta-feira, treze de agosto, à meia-noite, se por acaso passeássemos por alguma alameda de cemitério.

Há tempos, não tantos, pensei em uma comparação de angústias. Angústias miúdas, enormes, passageiras, eternas, suaves, dolorosas, inúteis criadoras. Kierkegaard e Pascal são exemplos de grandes angustiados. Também Santo Agostinho. Mas nunca ouvi falar de angústias em Spinoza. E no entanto, tinha um grande defeito, não exclamava; transformou sua ética em geometria, e dentro dela com a placidez dos que já atingiram o silêncio branco fez a álgebra das paixões. Teria Marx conhecido a angústia?

Les choses arriveront d'elles mêmes.

Quand mon silence les cacherait.

(Sophocle — O Édipe Roi)

Isto é epígrafe de uma conferência de R. Barande intitulada "Essai Métapsychologique sur le silence", publicada na *Revue Française de Psychanalyse*, Tomo XXVII, 1963, janeiro-fevereiro. Transcrevo em francês a epígrafe, bem como o trecho seguinte, para não desperdiçar em tradução:

"Il devient donc manifeste que dans l'histoire de la technique et de la théorie psychanalytique, après les deux premiers âges qu'on a pu appeler respectivement: l'analyse de l'inconscient ou du CA et l'analyse du MOI, se dessine actuellement une nouvelle phase axée sur l'analyse du SURMOI." Barande carrega forte no SUPEREGO do próprio psicanalista.

A releitura das linhas iniciais me apavora, e é bom que deixe patente uma certa vigília, produto de uma vagabundagem pela biblioteca da Maison de France. Vagabundagem que me levou a outra biblioteca, na Esplanada do Castelo, por trás da Santa Casa, e quase defronte ao restinho de terra daquilo que foi o Morro do Castelo. Uma biblioteca incrível. Descobri-a por acaso, se é que já é possível falar no momento em acaso. Na madrugada desse mesmo dia tive um sonho

em que me apareceu uma fachada branca, que agora posso identificar como sendo mais ou menos o Instituto de Nutrição, e um rosto desconhecido trauteava um samba. Pergunto no sonho pelo nome e recebo como resposta um lacônico: A Burra. (Pena que nessa época não conhecesse o livro egípcio dos sonhos. Ser-me-ia útil.) Como já perdi o hábito de explicar os meus passos desconstruídos, a primeira coisa que fiz foi procurar o Largo da Misericórdia. E' ali que se encontra a Biblioteca. E' um prédio comum, vulgar, cheio de pequenos enfeites que até hoje ainda encontram admiradores. Havia um detalhe que provavelmente concorria para que não me interessasse por ela. A cara extremamente antipática do porteiro. Gordo, baixo, o rosto redondo e risonho, um cabelo puxado para cima e levemente ondeado, de um castanho claro quase alourado, de uma sabujice incrível (um dia já confundi o simples com o simplório), um andar ondulante de eunuco. Juntou-se um pequeno detalhe: tem atrás do balcão, ampliado e emoldurado o "Se..." de Kipling, um roteiro autêntico para um perfeito poltrão. Mas segui meu hábito de acompanhar pra-

tivamente meus impulsos. E poucos instantes depois me vi diante de uma pequena estante num canto bem iluminado àquela hora, eram dez horas da manhã, e tirei um livro cuja lombada se destacava das outras. Era um volume novo, bem encadernado, de umas trinta páginas, de autoria de um tal de Puttini, inteiramente estranho para mim, e gravado a ouro: *Enciclopédia Abreviada da Tolice*.

Confesso, agora, que não aceitei o fato assim de saída. Desconfio muito de muitas coisas agora, inclusive daquilo que tenho nas mãos. Como sou tremendamente influenciável, por livros e palavras, e por uma má-fé inconsciente sou de uma boa-fé incrível, conscientemente, (se é que existo) o tal inconsciente e consciente), pensei de início que se tratava de algum truque mental devidos às leituras de Jorge Luis Borges. Essa história de descobrir bibliotecas que não existem, de localizar em outras, em alguma prateleira, um livro que é pura invenção, esses malabarismos de jogral de alto gabarito me assistam agora. Mas tive que me render ao evidente. E o evidente era a *Enciclopédia Abreviada da Tolice* de Puttini.

Antes algumas linhas sobre o autor do livro, fornecidas pela EBT na orelha da brochura (uma bela orelha, aliás, de uma bela brochura) que sábiamente foi conservada na encadernação. (Não gosto da capa. O desenhista foi extremamente infeliz, e primário. Abaixo de umas boas letras pretas em fundo azul claro desenhou a cabeça de um asno. Lugar-comum de péssimo gosto). Li a orelha depois de folhear o livro. Só mesmo Puttini poderia escrevê-lo.

A *Enciclopédia Abreviada da Tolice*, apesar do abreviada, é o repositório mais completo que se possa imaginar sobre o assunto. Nunca supus que os casos e as possibilidades fossem tantas. E recebi com um pouco de humor a observação do autor de que se limitou a registrar os casos mais conhecidos, abandonando cerca de 15.000 verbetes colhidos ao longo de seus anos de andanças e leituras. (O livro contém 2.345 verbetes). E' um livro completo e quase perfeito. E é até com as devidas desculpas do autor, que me permito três observações. A primeira se refere a Puttini, e dá como um momento de tolice a fuga de José. Estranho porque o autor naturalmente conhe-

ce a tetralogia (detesto essa palavra, parece-se muito com teratologia) de Mann. A segunda se refere à pouca precisão sobre as relações entre as palavras porcos e *marranos*. A terceira se refere a um desconhecimento imperdoável da *História Universal da Infância* de Borges. Concluí isto pela leitura do verbete *Billy the Kid*.

Para fugir das informações colhidas ao acaso, e quando o assunto é angústia, silêncio ou tolice, toda informação é boa, adapto uma fábula:

Era uma vez um lobo que foi beber água junto a um cordeiro num riacho limpo.

— Por quê turvas a minha água, ó lobo? — disse o cordeiro.

— Como posso turvá-la, ó cordeiro, se após passar pela minha boca a água segue o seu rumo, e a correnteza vai de mim para ti?

Houve um longo silêncio. O lobo parecia refletir.

— Mas eu é que devia perguntar, ó cordeiro, por quê turvas minha água! — disse o lobo.

Mas o cordeiro arreganhou os dentes, e engrossando a voz:

— Escuta aqui, ó velho, que é que você quer afinal?

O lobo parecia refletir. (Mais tarde soube-se que não refletia coisa alguma). O cordeiro engrossou mais a voz, e arreganhou os dentes:

— GRRR!!!

Finalmente o lobo deixou de refletir e devorou o cordeiro.

As fábulas acabam sempre do mesmo modo, a moral é que é diferente. Ou a mesma?

GRRR!!!

SAMUEL RAWET